

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

Aquifer Open Bible Dictionary

This work is an adaptation of Tyndale Open Bible Dictionary © 2023 Tyndale House Publishers, licensed under the CC BY-SA 4.0 license. The adaptation, Aquifer Open Bible Dictionary, was created by Mission Mutual and is also licensed under CC BY-SA 4.0.

This resource has been adapted into multiple languages, including English, Tok Pisin, Arabic (عربي), French (Français), Hindi (हिंदी), Indonesian (Bahasa Indonesia), Portuguese (Português), Russian (Русский), Spanish (Español), Swahili (Kiswahili), and Simplified Chinese (简体中文).

Dicionário Bíblico (Tyndale)

V

Vaca, Vaebe, Vaizata, Vaisata, Vale da Decisão, Vale da Decisão, Vale de Gade, Vale de Hinom, Vale de Jezreel, Vale de Jezreel, Vale de Josafá, Vale de Refaim, Vale de Refaim, Vale de Savé, Vale de Sidim, Vale de Sidim, Vale de Soreque, Vale do Rei, Vale do Rei, Vale do Sal, Vale dos Artesãos, Vale dos Artífices, Vanias, Vara de Arão, Vasni, Vasti, Vaus do Jordão, Vazar os olhos, Veado, Vegetal, Vela, Castiçal, Velho homem, Vento leste, Verdade, Verga (Parte superior de uma moldura de porta), Verme, Verme, Vermelho, Vespa, Marimbondado, Vespasiano, Vestimentas, Véu do templo, Via Ápia, Viagens, Víbora, Víbora, Vida, Vida duradoura, Vida Eterna, Vida Familiar E Relações, Vida sem fim, Vida, Livro da, Videira de Sodoma, Videira, videira selvagem, Videiras, Vinhedo, Vidente, Vidente, Viga, Eixo, Vigia, Vigília, Vinagre, Vingador de sangue, Vingador de Sangue, Vingança, vingador, Vinho, Violas, Virgem, Visão, Visões, Viticultor, Viúva, Vofsi, Vontade de Deus, Voto, Votos, Vulgata, a

Vaca

Uma vaca é uma fêmea adulta de bovino (um grande animal de fazenda de quatro patas). Na Bíblia, as vacas fazem parte do grupo mais amplo chamado **gado**, que inclui machos (touro, bois, novilhos) e fêmeas.

Veja Gado; veja também Animais.

Vaebe

Uma cidade na região de Sufa ([Nm 21.14](#)).

Veja Sufa.

Vaizata, Vaisata

Um dos dez filhos de Hamã. Hamã era um importante oficial que planejou matar todos os judeus na Pérsia. Quando seu plano falhou, o povo judeu se defendeu contra seus inimigos. Durante esse tempo, Vaizata e seus irmãos foram mortos ([Et 9.9](#)).

Vale da Decisão

Um lugar mencionado em [Joel 3.14](#), onde o Senhor julgará as nações não-judaicas que se reuniram contra Judá. É o mesmo que o Vale de Josafá (veja [II 3.2](#)).

Veja Josafá, Vale de.

Vale da Decisão

Um vale perto de Jerusalém, também chamado de Vale de Josafá em [II 3.2,12](#).

Veja Josafá, Vale de.

Vale de Gade

O Vale de Gade é um lugar mencionado em [2 Samuel 24.5](#). O nome significa "o rio ou leito do rio de Gade" em hebraico. Diferentes traduções da Bíblia descrevem este local de várias maneiras:

- "ribeiro de Gade" (Almeida Revista e Corrigida)
- "território de Gade" (Nova Tradução na Linguagem de Hoje)
- "vale de Gade" (Almeida Revista e Atualizada)

Este vale foi o ponto de partida para o censo dos israelitas realizado pelo rei Davi. A maioria dos estudiosos acredita que o "rio" ou "vale" se refere ao rio Arnão, uma importante via fluvial na região.

Vale de Hinom

Vale no lado sul de Jerusalém, chamado Geena no NT grego. *Veja Geena.*

Vale de Jezreel

O Vale de Jezreel é o maior e mais fértil vale da terra de Israel. Foi nomeado em homenagem à cidade de Jezreel. Inicialmente, Jezreel era a única cidade no vale que os israelitas controlavam durante suas primeiras batalhas na terra (compare [Jz 1.27-30](#)).

Escritores gregos posteriores chamaram o vale de "Esdre-lão" ([Jt 1.8](#)). Algumas pessoas usaram erroneamente esse nome apenas para a parte ocidental do vale. Outros usaram "Jezreel" para a parte estreita que leva a leste em direção à cidade de Bete-Seã. Mas a Bíblia mostra que estas são duas áreas diferentes (compare [Js 17.16](#); [Jz 1.27-28](#); [Js 17.11](#)). O Vale de Jezreel incluía cidades como Taanaque e Megido. Bete-Seã estava próxima, mas contada separadamente (compare também [Os 1.5](#)).

Os midianitas acamparam no Vale de Jezreel, entre a colina de Moré e a fonte de Harode ([Jz 6.33](#); [7.1](#)). Baraque derrotou o exército de Sísera e Jabim lá, perto de Endor ([Sl 83.9-10](#)). Mais tarde, os filisteus se reuniram lá para se opor ao Rei Saul ([1Sm 29.1.11](#); [2Sm 4.4](#)). Durante o tempo dos reis de Israel, este vale fazia parte de um distrito administrativo ([2Sm 2.9](#); [1Rs 4.12](#)). A parte sul do vale também pode ser chamada de planície de Megido ([2Cr 35.22](#); [Zc 12.11](#)).

Reis egípcios como Tutemés III e Amenófis II travaram batalhas neste vale. No final da Idade do Bronze, cidades como Megido estavam sob o controle do Egito. A parte sudoeste do vale pode ter sido chamada de Harosete-Hagoim, onde exércitos se reuniam para a guerra ([Jz 4.2.13-16](#)).

Consulte também Palestina.

Vale de Jezreel

Veja Jezreel, Vale de.

Vale de Josafá

Veja Josafá, Vale de.

Vale de Refaim

O Vale de Refaim é um marco geográfico que fazia parte da fronteira entre as tribos de Judá e Benjamim. A versão NTLH o chama de "o Vale dos

Gigantes" ([Js 15.8](#); [18.16](#)). É um amplo vale nas bordas sudoeste de Jerusalém.

As pessoas acreditavam que gigantes como os Anaquim e os Nefilim frequentemente visitavam este vale. Durante o reinado do rei Davi, os exércitos filisteus viajaram da costa para procurar Davi no Vale de Refaim. Isso ocorreu depois que ouviram que Davi havia sido ungido rei ([2Sm 5.18-22](#); [1Cr 14.9](#)).

O Vale de Refaim conectava-se ao Wadi Serar, que descia até a costa dos filisteus. Este vale era uma área fértil onde os agricultores cultivavam grãos ([Js 17.5](#)).

Vale de Refaim

Veja Refaim, Vale de.

Vale de Savé

Vale perto de Salém, também chamado de vale do Rei em [Gênesis 14.17](#). *Veja* Vale do Rei.

Vale de Sidim

Localização da batalha entre quatro reis da Mesopotâmia e cinco reis aliados que viviam perto do Mar Morto ([Gn 14.3.8-10](#)). A localização precisa da batalha nas proximidades do Mar Morto tem se mostrado impossível de determinar; restam apenas conjecturas. O vale é descrito como cheio de poços de betume ([Gn 14.10](#)). Esta descrição se adequa às áreas adjacentes ao Mar Salgado ou Mar Morto.

O relato em Gênesis descreve uma importante campanha militar que se acredita ter ocorrido na Idade do Bronze Médio (c. 1900 a.C.), situando-a na época de Abraão. Os reis mencionados na coalizão do Leste são desconhecidos, já que a suposta ligação de Anrafel com Hamurabi agora é considerada insustentável. Esses quatro aliados vieram do sul de Damasco e conquistaram uma série de cidades, incluindo Carnaim, Ham e os horeus no Monte Seir, tão ao sul quanto o Golfo de Elat. Eles então se voltaram para o noroeste em direção a Cades-Barneia e de lá para o nordeste em direção ao Mar Morto. Este parece ser o local onde encontraram resistência da coalizão dos reis de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Zoar ([Gn 14.2-9](#)) ao sul do Mar Morto.

Vale de Sidim

Veja Sidim, Vale de.

Vale de Soreque

Vale onde Dalila viveu ([Jz 16.4](#)). Começava na região montanhosa de Judá, cerca de 21 quilômetros a sudoeste de Jerusalém, e seguia em direção noroeste até o Mar Mediterrâneo. É identificável com o Wadi es-Sarar. Os danitas tentaram se estabelecer nesta área, mas foram expulsos pelos filisteus na região próxima ao Mediterrâneo. A cidade de Zorá, local de nascimento de Sansão, ficava perto da cabeceira do vale de Soreque, que serviu de cenário para suas intrigas e a concentração de suas atividades como juiz.

Vale do Rei

Algumas versões da Bíblia em português fazem menção do Vale do Rei perto de Salém. Salém era a cidade de Melquisedeque mencionada em [Gênesis 14.17](#).

Veja Vale do Rei.

Vale do Rei

Vale perto de Salém, a cidade de Melquisedeque, onde Abrão encontrou o rei de Sodoma e rejeitou sua oferta de uma trégua moralmente comprometida ([Gn 14.17](#)); também chamado de vale de Savé. Se Salém for o mesmo local que Jerusalém, o “vale do Rei” é provavelmente o Vale do Cedrom ou o vale de Hinom. Este seria o local onde Absalão ergueu um pilar como monumento a si mesmo ([2Sm 18.18](#)).

Vale do Sal

O Vale do Sal é um vale árido próximo à parte sul do Mar Morto.

Duas batalhas importantes no Antigo Testamento ocorreram neste vale.

Primeiro, Davi conquistou uma grande vitória sobre os edomitas lá. Um dos principais guerreiros

de Davi, Abisai, matou 18.000 soldados edomitas durante essa batalha ([2Sm 8.13](#); [1Cr 18.12](#)).

Mais tarde, o rei Amazias de Judá também derrotou os edomitas no mesmo vale. Após a batalha, ele capturou a cidade de Sela. Sela era uma importante cidade edomita nas colinas próximas ([2Rs 14.7](#); [2Cr 25.11](#)).

Não sabemos a localização exata do Vale do Sal. Alguns acreditam que seja Wadi el-Milh (que significa “Vale do Sal”), a leste de Berseba em Judá. No entanto, muitos acreditam que seja Es-Sebkha, uma planície seca e salgada ao sul do Mar Morto. Esta área leva à região montanhosa de Edom.

Vale dos Artesãos, Vale dos Artífices

Tradução e nome alternativo para Ge-Harasim em [Neemias 11.35](#). *Veja Ge-Harasim.*

Vanias

O filho de Bani e um dos sacerdotes que se divorciou de sua esposa estrangeira por ordem de Esdras ([Ed 10.36](#)).

Vara de Arão

Um cajado pertencente a Arão, o irmão de Moisés, simboliza a autoridade de Moisés e Arão em Israel.

Quando os israelitas estavam vagando no deserto, algumas pessoas lideradas por Corá, Datã e Abirão se opuseram à liderança de Moisés e Arão ([Nm 16.1-40](#)). Deus puniu esses rebeldes, mas os outros israelitas culpavam Moisés e Arão por suas mortes ([16.41](#)).

Para mostrar a todos que Deus escolheu Moisés e Arão como líderes, Deus disse a Moisés para fazer algo especial. O Senhor instruiu Moisés a coletar uma vara de madeira de cada tribo e pedir ao líder da tribo que escrevesse seu nome nela. Arão foi instruído a escrever seu nome na vara de Levi. As varas foram colocadas na sala interna do tabernáculo, em frente à arca da aliança.

Na manhã seguinte, a vara de Arão havia brotado flores e produzido amêndoas maduras. A vara de Arão foi mantida no tabernáculo para lembrar aos israelitas que Deus escolheu Arão e Moisés como líderes ([Nm 17.1-11](#); compare [Hb 9.4](#)).

Depois disso, o povo de Israel entrou no Deserto de Zim, mas não havia água para eles e seus rebanhos. Novamente, o povo discutiu com Moisés e Arão. O Senhor disse a Moisés para pegar a vara de Arão e, na presença de Arão e do restante do povo, ordenar a uma rocha específica que trouxesse água.

Moisés ficou bravo e disse: "Agora escute, gente rebelde! Será que vamos ter de fazer sair água desta rocha para vocês?" ([Nm 20.10](#)). Então ele bateu na rocha duas vezes com a vara. A água saiu e o povo bebeu.

No entanto, Moisés e Arão foram proibidos de entrar na terra que Deus prometeu aos descendentes de Abraão. Isso ocorreu porque eles não honraram a Deus adequadamente diante do povo ([Nm 20.12-13](#)). Um evento anterior havia mostrado que Deus era capaz de fornecer água de uma rocha de maneira semelhante ([Êx 17.1-7](#)).

Veja também Arão.

Vasni

Nome alternativo para Joel, filho de Samuel, em [1 Crônicas 6.28](#). *Veja* Joel (Pessoa) #2.

Vasti

Vasti foi uma rainha da Pérsia. Ela era casada com o rei Assuero, também conhecido como Xerxes I. Ela perdeu sua posição como rainha após se recusar a aparecer diante dos convidados em um banquete real ([Et 1.9-19](#)).

Nem Vasti nem a rainha Ester (que veio depois dela) são mencionadas em registros históricos fora da Bíblia. Por causa disso, alguns estudiosos sugerem que elas poderiam ter sido esposas ou concubinas menos importantes (mulheres que viviam com o rei, mas tinham posição inferior ao das esposas) que receberam o título de "rainha".

Um historiador grego chamado Plutarco escreveu sobre os costumes persas. Ele disse que os reis persas geralmente faziam refeições com suas esposas oficiais. No entanto, quando os reis queriam realizar banquetes com muita bebida, eles dispensavam suas esposas e traziam suas concubinas.

Algumas pessoas usam essa informação para argumentar que Vasti era apenas uma concubina.

No entanto, vários fatos mostram que Vasti era realmente uma rainha:

- Ela foi convidada a usar uma coroa real no banquete.
- Ela é chamada de "rainha" em todas as referências antes de ser destituída de sua posição.
- O rei afirmou que as ações dela influenciariam todas as mulheres do reino.

O fato dela se recusar a vir ao banquete faz mais sentido se ela fosse uma rainha, já que as rainhas geralmente não participavam de festas de bebida.

Vaus do Jordão

Lugares rasos onde pessoas e animais podiam atravessar o Rio Jordão. Muitas personalidades do Antigo Testamento cruzaram o Jordão em seus dois principais vaus: essas pessoas incluem Jacó ([Gn 32.10](#)), Gideão ([Jz 8.4](#)), Davi ([2Sm 10.17](#); [17.22](#)), Absalão ([17.24](#)), Abner e seus homens ([2.29](#)). Josué conduziu seus seguidores através do Jordão em terra seca durante uma enchente, verdadeiramente um milagre dado por Deus ([Js 3.15-16](#)). Jesus cruzou o Jordão em várias ocasiões em suas viagens entre a Galileia e Jerusalém.

Os dois principais vaus do Jordão ficavam em Jericó ([Js 2.7](#); [Jz 3.28](#); [2Sm 19.15](#)) e em Betânia, onde João batizou ([Jo 1.28](#), NTLH). Em certos lugares e épocas, o Jordão não era atravessável: após o derretimento das neves nas Montanhas do Líbano, e perto do Mar Morto, onde o Jordão tem cerca de 30,5 metros de largura e de 1,5 a 3 metros de profundidade ([Js 3.15](#)).

Veja também Rio Jordão.

Vazar os olhos

Vazar os olhos ou furar os olhos, era a prática dolorosa de remover à força os olhos de uma pessoa. Isso era comumente feito pelos filisteus, amorreus, babilônios e outras nações que cercavam Israel ([Jz 16.21](#); [2Rs 25.7](#)). As pessoas arrancavam os olhos não apenas para incapacitar seus inimigos ou prisioneiros, mas também para trazer extrema vergonha e desonra sobre eles ([1Sm 11.2](#)).

Os israelitas parecem ter conhecido a prática de vaziar os olhos desde o tempo no Egito ([Nm 16.14](#)). No entanto, não há evidências de que fosse uma prática comum em Israel.

Veja também Direito penal e punição.

Veado

Um veado é um cervo macho adulto.

Veja: Cervo; Veja também: Animais.

Vegetal

As referências nas escrituras a vegetais são provavelmente, na maioria dos casos, aos grãos leguminosos secos, como feijões e lentilhas.

Veja Feijão; Alimentos e preparação de alimentos; Lentilhas.

Vela, Castiçal

Ao contrário da palavra "vela", "castiçal" aparece em versões mais antigas da Bíblia, como a Almeida Revista e Corrigida. No entanto, essas palavras são mais bem traduzidas como "lâmpada" e "lâmparina".

Velas feitas de cera com um pavio, como usamos hoje, não existiam nos tempos bíblicos. As pessoas usavam pequenas lâmpadas de barro ou metal cheias de óleo. Um pedaço de tecido servia como pavio.

Veja Lâmpada, Candelabro.

Velho homem

Veja Homem: Velho e Novo.

Vento leste

Um vento leste é um vento forte e quente que sopra do leste, geralmente durante maio, setembro e outubro. As pessoas nos tempos bíblicos também chamavam esse vento de siroco. Este vento quente podia causar grandes danos às plantas e fontes de água. Destruía plantas ([Gn 41.6](#); [Ez 17.10](#); [Jn 4.8](#)).

Fazia as flores secarem e morrerem ([Sl 103.15,16](#)). Secava fontes e nascentes de água ([Os 13.15](#)).

O vento leste teve um papel importante em várias histórias da Bíblia. Deus usou um vento leste para afastar as águas do Mar Vermelho, permitindo que os israelitas atravessassem em terra seca ([Êx 14.21](#)). Na Bíblia, os escritores às vezes usavam o vento leste para descrever o julgamento de Deus contra pessoas que fizeram o mal ([Is 27.8](#); [Jr 4.11](#); [18.17](#)).

No Novo Testamento, um forte vento leste ou nordeste desviou o navio do apóstolo Paulo de sua rota planejada ([At 27.14](#), chamado de "Bom Servo" na versão NTLH). Marinheiros que navegam no oeste do Mar Mediterrâneo chamam esse tipo de vento de "levante". Esses ventos ainda causam problemas para navios naquela parte do mar hoje em dia.

Verdade

Aquilo que é real e pode ser verificado pela experiência.

Nas Escrituras, a verdade é um conceito muito importante porque Deus é o Deus de toda a verdade ([Sl 31.5](#); [108.4](#); [146.6](#)), que fala e julga verdadeiramente ([57.3](#); [96.13](#)). Ele é a verdadeira fonte e causa de todo o universo. As Escrituras também se concentram na verdade revelada no evangelho da graça redentora de Deus através de Cristo. Esta é a verdade que Cristo e os apóstolos proclamaram ([1Jo 8.44-46](#); [18.37](#); [Rm 9.1](#); [2Co 4.2](#)), que foi prefigurada no AT ([1Pe 1.10-12](#)) e testemunhada pelo Espírito Santo ([1Jo 16.13](#)). O ensino do AT nunca foi falso, mas era obscuro e incompleto em comparação com a verdade revelada do NT. Assim, Cristo trouxe a realidade espiritual ([1Jo 1.17](#)), e o Espírito Santo guia os crentes na experiência de tudo o que é real em Cristo ([16.13](#)).

Cristo é a verdade porque, sendo Deus, suas palavras possuem autoridade divina. Elas são verdade e vida ([1Jo 6.63](#)). Além disso, a vida de Cristo exemplificou veracidade e total confiabilidade. Quando as pessoas vivem em obediência à verdade, elas se tornam verdadeiras e confiáveis. As Escrituras chamam as pessoas a "praticar a verdade" ([1Jo 3.21](#), kjv). Aqueles que experimentaram a realidade de Deus em Cristo sabem, por experiência, que Cristo é o caminho, a verdade e a vida ([1Jo 14.6](#)).

Verga (Parte superior de uma moldura de porta)

Uma verga é uma viga horizontal colocada acima de uma porta. Ele fica sobre os suportes verticais chamados "umbrais". Algumas traduções da Bíblia usam o termo "verga", enquanto muitas traduções modernas frequentemente usam termos mais familiares como "batentes".

Em [Êxodo 12](#), os israelitas devem se preparar para a décima praga, a morte, e para a primeira Páscoa. Após matar um cordeiro, o povo deveria pegar o sangue e passar "nos batentes dos lados e de cima das portas das casas" ([Êx 12.7](#)).

[1 Reis 6.31](#) descreve a construção do templo por Salomão. A NTLH diz: "foi colocada uma porta dupla feita de madeira de oliveira; no alto as ombreiras formavam um arco em ponta." O significado deste versículo no hebraico é um pouco difícil de determinar. A ARA traduz como "a verga com as ombreiras formavam uma porta pentagonal." A NVI e NVT substituem a palavra "verga" por "batente". É possível que a parte superior da entrada fosse inclinada, formada por vigas inclinadas uma em direção à outra (como um arco) em vez de uma viga horizontal.

Em [Amós 9.1](#) a NTLH tem "colunas", enquanto a ARA tem "capitéis". A palavra hebraica aqui parece significar a parte superior de uma coluna. O mesmo acontece em [Sofonias 2.14](#), onde a ARC tem "capitéis" e a NTLH "ruínas".

Veja Arquitetura.

Verme

Larvas de mosca ([Jó 25.6](#); [Is 14.11](#)). Veja Animais (mosca).

Verme

Um verme é uma criatura pequena de corpo mole. Na Bíblia, a palavra geralmente se refere a larvas de insetos, muitas vezes larvas de moscas.

Os vermes são mencionadas em histórias onde se alimentam de:

- maná estragado ([Êx 16.19-20](#)),
- cadáveres ([Jó 21.26](#); [Is 14.11](#)), ou
- feridas abertas ([Jó 7.5](#)).

[Marcos 9.48](#) refere-se a um verme que consome carne morta. Em [Atos 12.23](#), o rei Herodes sofre de uma doença fatal causada por vermes. Às vezes, "verme" refere-se à larva de outros insetos ([Is 51.8](#)).

Em [Deuteronômio 28.39](#) e [Jonas 4.7](#), o verme da videira (*Cochylis ambiguella*) é provavelmente mencionado. Esta praga danifica as videiras perfurando seus caules.

Chamar uma pessoa de "verme" é uma maneira de expressar extrema humilhação ou vergonha ([Jó 25.6](#); [Sl 22.6](#)).

Veja também Animais.

Vermelho

Veja Cor.

Vespa, Marimbondos

Vespas e marimbondos são insetos que picam e pertencem à mesma família (Vespidae). Os marimbondos são um tipo de vespa que vive em grandes grupos. Eles constroem grandes ninhos acima do solo. Um ninho pode abrigar mais de 1.000 marimbondos.

Na Bíblia, a vespa é frequentemente um símbolo de Deus usando exércitos para expulsar os inimigos de Israel ([Êx 23.28](#); [Dt 7.20](#); [Js 24.12](#)).

Veja também Animais.

Vespasiano

Vespasiano foi um general romano que se tornou imperador após um período de guerra e confusão. Ele trouxe paz e estabilidade ao Império Romano. Ele nasceu em 9 d.C. e morreu em 79 d.C.

Primeiros anos e ascensão ao poder

Vespasiano nasceu em uma família simples. Seu pai trabalhava como coletor de impostos. Em 66 d.C., Vespasiano foi enviado à Palestina (a terra de Israel) para conter uma revolta dos judeus.

Em 69 d.C., durante um período de guerra civil, o exército romano fez de Vespasiano o Imperador. Roma precisava de um líder forte e pacífico, e Vespasiano trouxe esperança ao povo.

Seu governo como Imperador

Vespasiano resolveu os problemas financeiros de Roma e reorganizou o exército. Ele também ajudou a restaurar a ordem e a boa liderança. Um escritor romano chamado Suetônio afirmou que Vespasiano não punia pessoas inocentes. Ele ficava triste quando criminosos tinham que ser executados. Ele tentou trazer de volta as antigas e melhores maneiras de governar Roma.

Nero havia administrado mal o dinheiro. Para arrecadar fundos, Vespasiano criou novos impostos e aumentou alguns antigos. Algumas pessoas diziam que ele era ganancioso, mas Vespasiano usou o dinheiro para ajudar senadores pobres e ex-líderes.

Projetos de construção e reformas

Vespasiano restaurou cidades que tinham sido danificadas por incêndios ou terremotos. Ele apoiou as artes e as ciências. Em Roma, ele construiu ou restaurou muitos edifícios importantes, incluindo:

- O Templo da Paz, após a destruição de Jerusalém
- Um fórum público (local de encontro)
- O edifício do Capitólio, que ele restaurou,
- O Coliseu, que ele começou (e seu filho Tito o concluiu mais tarde)

Um período de paz

Durante seus dez anos como Imperador, Vespasiano ajudou a trazer paz ao império. Seu filho Tito encerrou a guerra na Palestina, e outros generais interromperam uma rebelião na Alemanha.

As pessoas começaram a confiar novamente no governo romano. Vespasiano restabeleceu bons valores morais e escolheu seus filhos Tito e Domiciano para governarem após ele.

Veja também Césares, Os.

Vestimentas

Veja Sacerdotes e levitas.

Véu do templo

A cortina no santuário separando o Lugar Santo do Lugar Santíssimo ([Êx 26.31-33](#)).

Veja Tabernáculo.

Via Ápia

A principal estrada de Roma em direção ao sul até o 'calcanhar' da península italiana. Originalmente, a Via Ápia terminava em Cápuia. Posteriormente, foi estendida até Brundísio, cerca de 560 quilômetros de Roma. Recebeu seu nome de Ápio Cláudio Cego, o censor romano, que iniciou sua construção em 312 a.C.

A Via Ápia é mencionada por antigos escritores como Livio, Estrabão, Horácio e outros em diversos contextos. Porções da estrada ainda existem hoje ao sul de Roma. O pavimento romano original está preservado em muitos lugares. Ruínas de algumas estruturas construídas ao longo da estrada original também podem ser vistas.

O apóstolo Paulo viajou pela Via Ápia em sua jornada para Roma após desembarcar de um navio em Putéoli ([At 28.13-15](#)). Cristãos de Roma saíram para encontrá-lo na área perto das Três Tabernas e da Praça de Ápio ("mercado de Ápio"). Estes eram dois dos oito principais postos conhecidos por existirem ao longo da Via Ápia. A Praça de Ápio estava localizada a 70 quilômetros de Roma, no meio dos Pântanos Pontinos. Horácio, escrevendo entre 65 e 68 a.C., reclamou do barulho e do fedor que assaltavam aqueles que ficavam lá. As Três Tabernas estavam localizadas 16 quilômetros mais perto de Roma.

Enquanto Paulo viajava, ele provavelmente passou por Bovilae. Esta era uma vila localizada a cerca de 18 quilômetros de Roma. Esta vila era a terra ancestral e centro de culto da família de César Augusto. Grande parte da Via Ápia, de Bovilae a Roma, era ladeada por túmulos. A lei romana proibia sepultamentos dentro da cidade de Roma. Tornou-se prática comum enterrar os mortos ao lado das principais estradas que levavam à cidade.

Viagens

Nos tempos bíblicos, os viajantes encontravam estradas ruins e muitas vezes intransitáveis. As viagens pelo mar eram feitas em navios comparativamente pequenos, geralmente por militares e profissionais comerciais, e quase nunca para um simples tráfego turístico. Com poucas razões para viajar, os cidadãos comuns tendiam a permanecer em áreas bastante limitadas. De tempos em tempos, havia migrações de grupo, e às vezes as pessoas viajavam para festivais religiosos, ou fugiam da guerra, ou da fome.

Viagens nos tempos do Antigo Testamento

Vários relatos descrevem o povo de Israel se movendo sobre áreas restritas para pastorear seus rebanhos. Os irmãos de José levaram seus rebanhos do sul da terra até Siquém e depois para Dotã ([Gn 37.12-17](#)), mas isso era apenas 96,5 quilômetros. Davi viajou pela Palestina e foi até Moabe ([1Sm 22.3](#)). Os danitas se mudaram de sua casa no sudoeste de Jerusalém para o norte, logo ao sul das montanhas do Líbano ([Jz 18](#)).

Poderiam ser multiplicados os exemplos de viagens para pastagem, migração e proteção. Tais viajantes normalmente andavam, embora o jumento fosse usado tanto para montar quanto para carregar cargas. O boi era usado para transportar cargas pesadas e às vezes para as pessoas ([Gn 46.5](#)). Depois, o camelo tornou-se de uso comum ([1Rs 10.2](#); [2Rs 8.9](#)). Pouco se sabe de lugares de descanso para viajantes nos tempos do AT. Há apenas algumas referências a um “lugar de hospedagem” (malon) nas narrativas do AT ([Gn 42.27](#); [43.21](#); [Êx 4.24](#)).

Viagens nos tempos do Novo Testamento

O mundo romano compreendia uma grande quantidade de viagens para realizar obrigações religiosas nos períodos festivos, para o comércio, a administração do governo e para propósitos militares. Não menos importante entre os viajantes do primeiro século eram os primeiros missionários cristãos.

O advento da paz e autoridade romanas e a construção de estradas de pedra bem feitas tornaram as viagens relativamente seguras e rápidas. Os modos de viagem melhoraram em relação à aqueles usados nos tempos do AT. Longas distâncias foram percorridas dentro do Império Romano sobre boas estradas e em segurança comparativa. No entanto, havia notoriamente

alguns perigos nas viagens pelo mar, por ventos, tempestades e piratas ([Atos 15.39](#); [18.18-22](#); [Rm 15.24-25](#); [2Co 11.25-26](#)). A jornada de Paulo para Roma, por exemplo, era perigosa ([Atos 27.1-28.14](#)).

O NT menciona uma série de viagens a pé. Maria viajou da Galileia para a Judeia para visitar Isabel ([Lc 1.39-40,56](#)). O bebê Jesus nasceu em Belém durante o censo ([2.1-7](#)); Jesus foi levado à Jerusalém para cumprir com a lei de purificação judaica (v. [22](#)). Assim, três viagens foram feitas de Nazaré a Jerusalém, a uma distância de cerca de 112,6 quilômetros, do tempo da concepção de Jesus até a purificação de Maria. A visita anual de Páscoa foi realizada por José e Maria (vv. [41-51](#)). Outras jornadas são mencionadas ([Jo 2.13](#); [5.1](#); [7.1-10](#); [12.1](#)). O próprio Jesus caminhou da Galileia para Jericó ([Mc 1.1-11](#)) e também para a região de Tiro e Sidom ([7.24](#)). Ele esteve em Samaria mais de uma vez ([Lc 17.11](#); [Jo 4.4](#)). Sua última viagem para Jerusalém foi por Jericó e pelas colinas até Jerusalém ([Mc 10.1,46](#); [11.1](#)). Sua última jornada após a ressurreição foi até Emaús ([Lc 24.13-35](#)).

Paulo viajou pelo mar em cada uma de suas viagens missionárias ([Atos 13.1-14](#); [15.41-18.22](#); [18.23-21.17](#)), geralmente acompanhado de amigos. Ele também fez muitas viagens a pé na Palestina, Ásia Menor e a península grega. Mas nem todas as viagens eram a pé nos tempos do NT. O jumento, usado para transportar cargas, muitas vezes carregava pessoas. Jesus certa vez viajou de Betfagé para Jerusalém, uma pequena jornada, mas altamente emblemática ([Mt 21.2-7](#); [Mc 11.1-11](#); [Jo 12.12-15](#)). Quando José viajou com sua esposa grávida, Maria, até Belém para o censo na época do nascimento de Jesus, Maria provavelmente montou em um jumento. O etíope eunuco estava andando em uma carruagem após adorar em Jerusalém e foi acompanhado por Filipe que viajava a pé ([Atos 8.26-38](#)). Os soldados romanos marcharam e fizeram amplo uso de cavalos. Quando Paulo foi levado de Jerusalém para Cesareia, animais de montaria foram preparados para ele ([23.23-24](#)).

Estradas e vias marítimas

As estradas dos tempos bíblicos figuravam de forma proeminente na geografia, topografia e história da Palestina — uma terra que serviu como uma ponte entre o Egito e os centros de civilização e comércio no Oriente Médio. Muitas das estradas eram estrategicamente importantes, tanto no comércio quanto militarmente. Algumas estradas ganharam significado como rotas de peregrinação

para facilitar as viagens para centros religiosos como Jerusalém. As estradas nos tempos bíblicos eram de três tipos principais: estradas internacionais de longa distância, estradas intrarregionais de média distância e uma variedade de estradas dentro de cada região ou estado.

Grandes estradas internacionais

Essas ligavam a costa mediterrânea ao norte do Vale do Tigre e ao sul da Mesopotâmia. Algumas ligavam a Mesopotâmia à Ásia Menor, enquanto outras levavam ao sul, para o Egito, ao longo da costa ou a leste do rio Jordão e do Mar Morto e através da Península do Sinai. Havia rotas de comércio entre Anatólia e Assíria no início do segundo milênio a.C. Aparentemente, a campanha militar referida em [Gênesis 14](#) visava proteger a grande rota de comércio, a estrada do rei, do norte da Mesopotâmia ao Egito. Invasores militares e viajantes da Babilônia, Assíria e Pérsia atravessariam os territórios do interior da Síria em direção à costa antes de retornarem para o sul em direção à Palestina e Egito. O advento das potências europeias, Grécia e Roma, no Oriente Médio, abriu outra vasta rede de estradas internacionais para os povos do Oriente. Até os tempos romanos, essas estradas não eram revestidas de pedra, mas eram caminhos desobstruídos. Eles eram muito irregulares, sem pavimentação e, em tempo chuvoso, intransitáveis em muitos lugares. Mas eles eram evidentemente bem definidos por “marcos” e “guias” ([Jr 31.21](#)). Com a vinda dos romanos, estradas importantes foram construídas com fundações profundas e com grandes blocos de pedra plana na superfície. Os restos dessas estradas ainda são vistos em muitos lugares no Oriente Médio e na Europa. Marcadores de distância ou marcos eram regularmente colocados ao longo das estradas.

Estradas internacionais norte-sul na Palestina

As estradas que ligavam países ao norte com o Egito atravessavam a Palestina, um elo de terra natural. Havia três estradas principais. A estrada costeira começava em Damasco e atravessava a planície de Esdraelon, através do desfiladeiro do Meguido, pela costa de Gaza e até o Egito. Esta era provavelmente “o caminho do mar” ([Is 9.1](#)). A estrada do Sinai levava do Egito para o sul do Neguebe e depois para Cades Barneia, Berseba, Hebrom, Jerusalém, Siquém, Acco, Tiro e Sidom. A estrada do Mar Vermelho entrava na área da Palestina a partir do Golfo de Áqaba, onde estavam

o antigo porto de Elate e o porto de Salomão de Eziom-Geber ([Nm 33.35](#); [2Cr 8.17](#)). De lá, seguia através das áreas montanhosas da Transjordânia, cruzando os vales profundos e depois para o norte através da região de Hauran até Damasco. Esta era a estrada tomada pelas caravanas do sul da Arábia para Damasco, a antiga Estrada do Rei ([Nm 20.17](#); [21.22](#)).

Havia outras estradas norte-sul de menor importância. Uma estrada costeira levava de Joazebo via Cesareia e Dor até Acco, onde se conectava com a estrada do Sinai. Evidentemente, não era muito significativo até os tempos romanos, quando o porto de Cesareia foi construído. Os pântanos na planície de Saron impunham muitos problemas. A planície de Esdraelon também era pantanosa e interrompia as estradas em direção ao norte em estações ruins. Uma estrada elevada através das seções pantanosas foi eventualmente construída. Outra estrada conduzia para o norte a partir de Hazor, ramificando-se da estrada principal para Damasco. A estrada do Vale do Jordão contornava a parte sudoeste da Galileia e conduzia o Vale do Jordão até Jericó.

Estradas leste-oeste

Várias estradas importantes corriam de leste-oeste, cruzando as estradas maiores que levavam ao norte. Uma dessas estradas levava de Gaza para Berseba e depois descia o Arabá, com um desdobramento para Petra. Outra levava de Ascalom, via Gate, para Hebrom e para En-Gedi, no Mar Morto. Outra estrada levava de Joazebo para o leste, subindo o vale de Aijalom ([Js 10.6-14](#)) até Betel e depois para Jericó. Uma estrada bem utilizada levava de Joazebo para Siquém, atravessando o Jordão em Adã ([3.16](#)) e até Gileade na Transjordânia. Outras estradas levavam de Acco para o leste em direção à Galileia e também ao longo da costa até Tiro e Sidom. Havia, de fato, numerosas estradas leste-oeste que forneciam contato entre várias partes da Palestina. Nos tempos romanos, quando o deslocamento rápido dos exércitos era essencial, algumas das estradas antigas foram grandemente melhoradas e novas foram construídas.

Rotas marítimas

O povo de Israel, ao contrário dos fenícios, raramente usava as rotas marítimas. Quando Salomão planejou enviar navios pelo Mar Vermelho para Ofir ([1Rs 9.26-28](#)), ele usou marinheiros fenícios. Josafá planejou uma expedição

semelhante, mas seus navios foram destruídos ([22.48-49](#)). O tráfego costeiro nos tempos do AT estava nas mãos dos filisteus e fenícios. Havia vários portos ao longo da costa do Mar Mediterrâneo, como Gaza, Joze, Dor e Acco, mas nenhum era muito bom. Havia também rotas marítimas que ligavam a costa do Mediterrâneo com o Egito e a distante Társis (provavelmente Espanha). A outra água costeira era o Golfo de Áqaba com seus dois portos — Ezion-Geber para a Transjordânia e Elat para a oeste do Jordão. A frota de Salomão usou Ezion-Geber como seu porto de origem.

Nos tempos do NT, as coisas mudaram consideravelmente. O Oriente Médio produzia mercadorias usadas pelos povos do oeste mais distante, especialmente os romanos. Alexandria no Egito e Antioquia na Síria lidavam com carga e viajantes. Portos menores como os da Palestina e muitos outros ao redor da costa da Ásia Menor forneciam um porto para navios. Um esquema engenhoso para evitar uma viagem de 321,8 quilômetros ao redor da península grega era arrastar pequenos barcos por 8 quilômetros de largura pelo istmo de Corinto. Até o maior navio nos tempos do NT estava em perigo de vento e tempestade no mar ([Atos 27](#)), por isso as viagens pelo mar eram realizadas de preferência quando o risco de tempestades era mínimo, aproximadamente de novembro a março. Havia muito tráfego marítimo no Mar Mediterrâneo nas estações apropriadas, em grande parte para o comércio. Navios de grãos atravessavam regularmente de Roma ao Egito e para o leste.

Os navios eram impulsionados pelo poder do vento, complementados conforme necessário por remos operados por escravos. Alguma indicação do tamanho dos navios vem da descoberta de naufrágios antigos e da literatura latina e grega. Uma antiga doca seca de 39,6 metros de comprimento encontrada perto de Atenas foi usada para navios de guerra gregos, que eram menores do que os navios de carga. O escritor romano Luciano faz referência a um navio de grãos alexandrino de 54,9 metros de comprimento, sugerindo uma capacidade de cerca de 1.200 toneladas (1.088,6 toneladas métricas). O navio de Paulo carregava 276 pessoas ([Atos 27.37](#)). A arqueologia subaquática moderna está fornecendo informações valiosas sobre esses navios antigos.

Razões para viagens

A razão mais importante para viajar nos tempos do NT era o comércio, que envolvia muito mais do que apenas o transporte de mercadorias. Havia agentes, supervisores, seguradoras de carga, banqueiros e toda uma gama de pessoas envolvidas na aquisição e entrega segura da carga.

As viagens militares eram consideráveis. Uma grande variedade de tarefas tinha que ser realizada na maneira de reconhecimento, aquisição de suprimentos, arranjos avançados para a mobilização de tropas e o transporte de tropas e equipamentos.

Alguns viajantes eram pessoas de negócios mudando seu lugar de trabalho, como Áquila e Priscila ([Atos 18.2-3](#)). Áquila havia viajado de Ponto, no Mar Negro, para Roma e então, em um tempo de perseguição, havia fugido para Corinto com sua esposa. Muitos outros viajavam por razões semelhantes.

Pessoas em peregrinação religiosa viajavam por terra ou mar. Os judeus de muitas terras viajavam a Jerusalém para as festividades anuais da Páscoa (cf. [Atos 2.5-11](#)). Os não judeus iam para centros religiosos em Éfeso, Atenas e Elêusis, onde havia templos importantes. Muitos templos menores também atraíam peregrinos. A construção de novos templos e uma variedade de edifícios da administração do governo trouxe artesãos de longe. Muitas vezes, os materiais usados na construção tinham que ser transportados para o local. Algumas pessoas faziam viagens aos templos famosos por milagres terapêuticos, por razões de saúde ou para desfrutar dos benefícios das fontes termais, como as de Cafarnaum ou Tiberíades. Os atletas viajavam aos centros para competições importantes, como os jogos olímpicos, e multidões se reuniam para presenciar o espetáculo. Alguns viajantes eram estudantes ou professores que iam para grandes centros de aprendizado — as universidades daqueles tempos. No entanto, outros viajavam como emissários oficiais levando importantes documentos do governo e do comércio. Apesar de toda essa atividade, um grande número de cidadãos comuns quase nunca viajava mais do que alguns quilômetros de suas casas.

Víbora

Uma das 20 cobras venenosas em Israel e países próximos. Também é chamada de basilisco e víbora. Verdadeiras víboras (gêneros *Cerastes*, *Echis colorata* e *Vipera palestina*) também existem lá. Elas são cobras venenosas, que têm dentes ocos especiais chamados presas que se movem para a posição quando mordem. A víbora-cornuda (*Cerastes hasselquistii*) pode atacar cavalos. Ela mede de 30 a 46 centímetros (12 a 18 polegadas) de comprimento e muitas vezes se esconde na areia, mostrando apenas seus olhos e as protuberâncias semelhantes a chifres em sua cabeça.

Tanto Jesus quanto João Batista referiram-se à víbora várias vezes ([Mt 3.7](#); [12.34](#); [23.33](#)). A referência em [Atos 28.3](#) provavelmente se refere a uma pequena e agressiva víbora (*Vipera aspis*) que ataca rapidamente. Ela é encontrada no sul da Europa e sibila cada vez que inala e exala. O veneno das víboras afeta a função pulmonar e destrói as células vermelhas do sangue.

Veja: Cobra.

Víbora

Uma víbora é uma cobra venenosa com presas longas e ocas que injetam veneno.

Na Bíblia, a palavra "víbora" pode se referir aos mesmos tipos de cobras venenosas que a palavra "áspide". Diferentes traduções da Bíblia às vezes usam um termo ou outro para a mesma cobra ([Mt 3.7](#); [At 28.3](#)). Essas cobras podem dar uma mordida perigosa ou mortal.

Veja Áspide; veja também Animais (áspide).

Vida

Na perspectiva bíblica, a vida flui do vivo Pai através do Filho (seu agente na criação e redenção) para um mundo sedento de vida "real" (veja [Jo 6.57](#)).

O Vivo pai

Deus, o Pai, está acima de todos os outros; "o Deus vivo" ([1r 10.10](#); [Jo 5.26](#)). Deus, a fonte de toda a vida ([1Tm 6.13](#)), "inspirou" seres humanos na criação e os sustenta continuamente ([Jo 3.4.14-15](#)). Somente

Deus dá vida ([Gn 17.16](#)) e a tira ([Gn 3.22-24](#); [6.3](#); [Sl 104.29](#); [Lc 12.20](#)).

O sinal da vida é o movimento; o homem é um corpo vivo e animado ([Mt 27.50](#); [Lc 8.55](#)). Os animais também têm este "fôlego de alma" animadora (texto hebraico de [Gn 1.24](#); [6.17](#)). Assim, toda a natureza é movida com a vida que deriva de Deus ([Atos 17.24-28](#)). A vida é, portanto, sagrada, mas, infelizmente, é tão transitória quanto grama, nuvens, orvalho, sombra ([1Cr 29.15](#); [Jo 7.6.9](#); [Tg 4.13-16](#); [1Pe 1.24](#)). Uma vida longa é desejada ([Gn 35.29](#)); qualquer vida é preferível à morte e de valor infinito ([Ec 9.4-6](#); [Mt 6.25](#); [16.26](#)), pois o Sheol abriga uma "vida não viva", desprovido de sentimento, esperança ou ajuda divina ([Sl 88.3-12](#)). O amor e o serviço a Deus podem tornar a vida de alguém mais plena ([Dt 30.15-20](#); [1Pe 3.8-12](#)), experimentando a libertação de Deus ([Is 38.16](#)) e recebendo bênçãos divinas ([Mt 5.3-12](#)).

Cristo como Vida

A palavra grega para "vida" é *zoe*. No grego clássico, esta palavra era usada para vida em geral. Há alguns exemplos deste significado no Novo Testamento (veja [Atos 17.25](#); [Tg 4.14](#); [Ap 16.3](#)), mas em todos os outros casos a palavra foi usada para designar a vida divina e eterna — a vida de Deus ([Ef 4.18](#)). Esta vida residia em Cristo, e ele a disponibilizou a todos os que acreditam nele. Os seres humanos nascem com a vida natural — chamada psuche em grego (traduzido como "alma", "personalidade" ou "vida"); eles não possuem a vida eterna. Esta vida pode ser recebida apenas acreditando naquele que possui a *zoe*-vida, a saber, Jesus Cristo.

A qualidade de vida transbordante e vibrante disponível em Cristo era evidente na autoridade de sua palavra e no poder de seu toque ([Mt 9.18](#); [Mc 1.27.41-42](#); [5.27-29](#)). Ele é "o autor da vida" ([Atos 3.15](#)), que provê o caminho para a vida ([Mt 7.14](#); [25.46](#); [Mc 8.35-37](#); [9.42-47](#)). E ele ressuscitou os mortos com seu poder vivificante. Sua própria ressurreição o fez "um espírito vivificante", com o poder de "uma vida indestrutível" ([Rm 8.2](#); [1Co 15.45](#); [Hb 7.16](#)). Assim, Jesus Cristo é "nossa vida" ([Cl 3.4](#)) — em união com quem encontramos "novidade de vida" ([Rm 6.4](#)) e somos recém-criados, vivendo a partir deste momento não para nós, mas para ele ([2Co 5.15-17](#)).

João, especialmente, insiste no tema de que Cristo é a fonte dessa nova vida ([Jo 3.14-16](#); [5.21](#)) para os filhos de Deus ([1.12](#); [3.3.5](#)). Esta vida já é desfrutada por aqueles que conhecem a Deus e a

Cristo ([5.24](#); [17.3](#); [1Jo 5.11-12](#)), pois eles já passaram da morte para a vida eterna ([Jo 10.28](#); [11.26](#)). Tal vida é abundante ([10.10](#)), iluminada ([8.12](#)), livre e satisfeita ([10.9](#)), vitoriosa ([Rm 6.6-14](#)), cheia de paz e alegria ([Rm 5.1-11](#)), inesgotavelmente renovada ([Jo 4.13-14](#); [7:37-38](#)) e imortal ([Jo 5.24](#); [1Co 15.51-57](#)).

Tudo isso é possível porque, desde o início, “todos os que vieram a existir estavam vivos com sua vida” ([Jo 1.4](#), NTLH). Assim, a vida dentro do Pai flui para o mundo através do Filho, que também “tem vida em si mesmo” e a dá a quem ele quiser ([5.26](#)). Ele é “a ressurreição e a vida” ([11.25](#); [14.6](#)) e demonstra isso restaurando a vida aos membros paralisados, ressuscitando os mortos e conquistando a morte ([5.5-9](#); [11.43](#); cap. [20](#)). As pessoas continuam na morte apenas porque não querem “vir” e “ter vida” ([5.40](#); cf. [1Jo 3.14](#)).

Veja também Vida Eterna.

Vida duradoura

Veja Vida Eterna.

Vida Eterna

Modo de existência utilizado nas Escrituras caracterizado pela atemporalidade ou imortalidade. O tipo de vida atribuído a Deus e distribuído aos crentes. Os escritores bíblicos entenderam que havia um Deus vivo que existia antes da criação do mundo e que continuará a existir quando o fim dos tempos chegar. O presente de Deus aos que são obedientes e responsáveis a ele é designado como “vida eterna” ou algum sinônimo. O Evangelho de João fornece o material mais definitivo sobre a vida eterna.

A frase “vida eterna” ocorre apenas uma vez na versão grega do AT ([Daniel 12.2](#), com o significado básico de “a vida da era”, designando a vida da era além da ressurreição dos mortos). O significado primário de “vida” no AT, no entanto, é a qualidade do bem-estar na existência terrena.

Durante o período intertestamentário, os rabinos fizeram uma distinção clara entre “esta era” e “a era que está por vir”. Eles enfatizaram que o conceito de vida na nova era consiste em uma distinção qualitativa da era presente, em vez de simplesmente uma quantitativa.

A palavra grega traduzida como “eterna” é derivada da palavra para “era” ou “eternidade”. Colocar o NT dentro do contexto do judaísmo, com seu conceito de um Deus vivo e a promessa da “era que está por vir”, dá profundidade e cor ao significado do adjetivo “eterno”. A vinda de Jesus Cristo como a revelação definitiva de Deus torna as qualidades de vida da futura era messiânica acessíveis na realidade presente.

O jovem rico veio a Jesus e pediu instruções sobre como herdar a vida eterna ([Marcos 10.17](#)). Ele estava claramente pensando na ressurreição da era por vir. Jesus respondeu nos mesmos termos (v. [30](#)).

Em sua resposta ao jovem rico, Jesus igualou a recepção da vida eterna com a entrada no reino de Deus ([Marcos 10.23-25](#)). O reino de Deus não é simplesmente um evento futuro, mas já é inaugurado na vida, ministério e ensinamentos de Jesus. O reino é um presente de vida disponível enquanto o seguidor ainda vive dentro da era presente. Muitas das parábolas de Jesus enfatizam este ponto (p. ex., aquelas em [Mateus 13](#)). As beatitudes no Sermão do Monte ([5.3-12](#)) reforçam o conceito de uma bem-aventurança presente que inclui salvação, perdão e justiça. Portanto, a vida eterna é uma bênção presente para aqueles que se submetem ao reinado de Deus e desfrutam da bênção desta nova era de salvação antes mesmo do final da era presente.

A análise mais completa da vida eterna vem do Evangelho de João. O propósito de João destaca o significado crucial do conceito: “Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E para que, crendo, tenham vida por meio dele.” ([João 20.31](#), NTLH). A primeira referência de João à vida eterna é encontrada em [João 3.15](#).

João claramente compartilhou dentro da expectativa judaica pela era por vir com suas bênçãos antecipadas (p. ex., [João 3.36](#); [4.14](#); [5.29,39](#); [6.27](#); [12.25](#)). A vida eterna é definida pelos presentes especiais da era messiânica quando esta chegar à sua consumação. A ressurreição de Lázaro (capítulo [11](#)) foi uma parábola viva que demonstra a vida futura que está disponível para todos aqueles que confiam em Cristo. Marta, antes da ressurreição real de seu irmão, afirmou sua crença de que Lázaro seria ressuscitado no último dia (v. [24](#)). Jesus respondeu que ele mesmo é a ressurreição e a vida, e que aqueles que creem nele nunca morrerão, mesmo que morram fisicamente (vv. [25-26](#)).

O foco principal do Evangelho de João, no entanto, não está no futuro antecipado, mas na experiência presente dessa vida futura. A vida da era por vir já está disponível em Cristo para o crente. As metáforas com as quais Jesus definiu sua própria missão enfatizam a nova vida presente: água viva que é uma fonte de água jorrando para a vida eterna ([João 4.10-14](#)); pão vivo que satisfaz a fome espiritual do mundo ([6.35-40](#)); a luz do mundo que leva seus seguidores para a luz da vida ([8.12](#)); o bom pastor que traz vida abundante ([10.10](#)); o provedor de vida que ressuscita os mortos ([11.25](#)); o caminho, a verdade e a vida ([14.6](#)); e a videira genuína que sustenta aqueles que habitam nele ([15.5](#)).

Jesus foi muito cauteloso ao notar que o cumprimento de sua missão não dependia de sua própria natureza e habilidade, mas no Pai que o enviou. A submissão de Jesus ao Pai destaca novamente o fato de que a vida é um presente de Deus. Aqueles que creem no Filho de Deus são destinatários da vida que apenas Deus dá — a vida eterna. Portanto, a promessa de ressurreição para todos os crentes é a consequência natural do presente de Deus ([João 5.26-29](#)). Isso foi explicitado na ressurreição de Lázaro, e garantido na ressurreição de Cristo como as “primícias” (na terminologia Paulina, versão Almeida Revista e Atualizada [1 Coríntios 15.23](#)).

Jesus acrescentou conteúdo adicional ao conceito de vida eterna ao conectá-lo com a ideia de conhecer o verdadeiro Deus ([João 17.3](#)). No pensamento grego, o conhecimento se referia ao resultado de contemplação ou êxtase místico. No AT, todavia, conhecimento significava experiência, relacionamento, comunhão e interesse (cf. [Jeremias 31.34](#)). Esta conotação de conhecimento como relacionamento íntimo é sublinhada pelo uso desta forma verbal também para designar relações sexuais entre homem e mulher (cf. [Gênesis 4.1](#)). Jesus declarou: “Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas.” ([João 10.14-15](#), NAA). O relacionamento íntimo e mútuo entre Pai e Filho é o modelo para o relacionamento do Filho e seus discípulos. Este conhecimento não vem por educação ou manipulação da mente, mas por revelação através do Filho ([1.18](#); cf. [14.7](#)).

Uma breve pesquisa dos elementos primários no conceito de vida eterna mostra claramente que não é simplesmente uma vida infinita ou perpétua. Embora não haja fronteiras finais para a vida

eterna, a ênfase principal da Bíblia é na qualidade de vida, especialmente seus elementos divinos. A vida eterna é a importação das qualidades da era por vir no presente através da revelação, em Cristo, de um Deus fiel, além de trazer conhecimento do relacionamento de Deus com ele.

Veja também Vida; Nova Criação, Nova Criatura; Regeneração.

Vida Familiar E Relações

Nos tempos da Bíblia, a família era composta dos membros de uma casa, incluindo não apenas pais e filhos, juntamente a outros parentes e concubinas, mas também servos, viajantes, estrangeiros, e qualquer outra pessoa que habitava na casa e estava, portanto, sob a proteção do chefe da família. A família de Jacó, por exemplo, era composta por três gerações ([Gn 46.8-26](#)). Biblicamente, o termo “família” é intercambiável com “casa”, e “começar uma casa” pode se referir a estabelecer uma habitação separada, bem como iniciar uma família. No sentido mais amplo, “casa” pode se referir a uma nação inteira (“casa de Israel”). Os chefes das famílias que voltaram da Babilônia no período pós-exílico normalmente controlavam várias centenas de membros da família ([Esdras 8.1-14](#)). A família era uma parte menor de um clã ou tribo. Nos tempos nômades, as responsabilidades e alianças se centravam no grupo familiar maior.

Aqueles que pertenciam ao clã sabiam que tinham que trabalhar por interesses comuns e aceitar a responsabilidade por todo o grupo. Todos os membros da família deveriam ser protegidos e assistidos em tempo de necessidade.

À medida que a vida dos israelitas se tornava mais estável, as famílias (no sentido mais amplo do termo) passaram a viver em aldeias cercadas por campos de trigo, cevada e linho, com áreas de pastagem para ovelhas e cabras. Cada grupo de aldeias consistia de um grupo familiar interdependente e com relações de casamento entre si, como exemplo do povo da tribo de Dã em Zora e Estaol ([Jz 18.11](#)). A vida difícil daqueles dias exigia uma partilha do trabalho e a cooperação leal de toda a família para a sobrevivência.

À medida que os ofícios e o comércio se desenvolveram, juntamente com um estilo de vida mais sedentário, os filhos aprenderam as habilidades de seus pais e continuaram os negócios familiares. Consequentemente, toda a aldeia

poderia seguir uma área de negócios específica ([1 Crônicas 4.14](#); [Neemias 11.35](#)). Ao se especializar em tais negócios, no entanto, os aldeões se tornaram menos autossuficientes, dependendo mais dos fazendeiros para obter comida e de outras aldeias especializadas para a produção de pano ou cerâmica ([1Cr 4.21-23](#)).

Com o crescimento das cidades, grupos relacionados viviam juntos em áreas específicas. Muitos membros das tribos de Benjamim e Judá foram listados no censo de Jerusalém por Neemias ([Ne 11.4-8](#)) e pelo escritor de Crônicas ([1Cr 9.3-9](#)). Uma consequência da vida nas cidades era a fragmentação do grupo familiar. À medida que os laços da família acabavam sendo afrouxados, a unidade consistia cada vez mais de um marido e uma esposa com seus filhos, vivendo em uma casa. O tamanho das casas que foram escavadas exclui a ideia de qualquer unidade familiar maior do que a comum nas sociedades do AT.

Durante o período do reinado, os filhos do rei Davi, Amnom e Absalão formaram suas próprias casas separadas ([2 Sm 13.7-8.20](#)). Naquela época, havia poucos escravos na sociedade hebraica, mas eles também eram considerados membros da família. À medida que os laços da família em geral se afrouxavam, e o dono da casa perdia um grau de autoridade, a sociedade se tornava uma na qual o rei era soberano e todas as pessoas eram seus súditos.

Os primeiros reis de Israel promoveram tal mudança para estabelecer uma autoridade central para todo o país. Os súditos do rei caíam amplamente nas categorias de empregadores e empregados, correspondendo aos ricos e pobres da sociedade. No século 8 a.C, os membros da família maior não trabalhavam mais para o bem comum sob a autoridade do chefe do clã; em vez disso, os indivíduos trabalhavam principalmente para o bem de sua própria família imediata. Daí o trabalho e devoção de alguém eram focados mais estreitamente, e o maior beneficiário era o rei, o símbolo pessoal da nação.

A ênfase na unidade familiar menor aumentou, e antigos deveres que costumavam ser aceitos de bom grado pelos grupos maiores em tempos anteriores vieram a ser negligenciados. As pessoas nem sempre ajudavam os parentes em momentos de necessidade, e eles frequentemente tinham que ser lembrados de suas obrigações, especialmente em relação às viúvas e órfãos ([Is 1.17](#); [Jr 7.6](#)). As rixas familiares também diminuíram porque os membros não se sentiam mais responsáveis por se

vingar como uma maneira de manter a honra do clã ([2 Sm 3.27](#); [16.8](#); [2Rs 9.26](#)). Contudo, Neemias esperava que os israelitas lutassem pela honra de sua família ([Neemias 4.14](#)). Nos tempos do NT, a família era uma unidade que poderia até mesmo ser vendida em caso de uma dívida incorrida por um de seus membros ([Mt 18.25](#)).

A ênfase da religião hebraica na participação familiar em certas celebrações fortalecia a unidade menor. A Páscoa, por exemplo, sempre era celebrada como uma refeição de ação de graças em família ([Êx 12.3-4.46](#)). Os pais do profeta Samuel faziam uma peregrinação anual tradicional ao santuário em Siló ([1Sm 2.19](#)). Nos tempos modernos, a chegada de um jovem menino judeu ao início da masculinidade é celebrada com a cerimônia de Bar Mitzvah. Ser tão honrado no meio de uma família religiosa preserva a antiga tradição hebraica de participação familiar em cerimônias religiosas.

Em sua pregação, Jesus usou a família como um símbolo para o relacionamento de Deus com seu povo ([Mt 19.14](#); [23.9](#); [Lc 8.21](#)). Da cruz, ele entregou a responsabilidade pelo cuidado de sua mãe ao seu discípulo João ([Jo 19.27](#)).

Nos tempos do NT, as refeições de comunhão na igreja de Jerusalém aconteciam em lares familiares ([Atos 2.46](#)). As primeiras reuniões cristãs eram realizadas nas casas dos crentes por causa da oposição das autoridades. O livro de Atos contém exemplos de famílias inteiras sendo convertidas ao cristianismo ([Atos 10.24, 44-48](#); [16.15, 31-32](#)). Timóteo aprendeu o evangelho com sua avó e com sua mãe ([2Tm 1.5](#)).

Resumo

- Status dos membros da família
- Segurança Conjugal
- Posição das Crianças
- Os Direitos das Crianças
- Vida Diária da Família Hebraica
- Nos Tempos Do Novo Testamento

Status dos membros da família

Desde os tempos nômades, a autoridade de um pai mantinha o grupo familiar unido em seu acampamento, e ele se tornava o símbolo da segurança dos demais. Nas antigas sociedades patriarcais, o pai era um mestre absoluto que tinha o poder da vida e da morte sobre os membros da

família, governando com autoridade incontestável. Embora ele tivesse extensas responsabilidades por aqueles que estavam sob seu controle, seu poder era incrível e seu status inquestionável.

As posses de um homem incluíam sua esposa, servos, escravos e animais ([Êx 20.17](#); [Deuteronômio 5.21](#)). Na verdade, a frase “se casar com uma esposa” vem de uma raiz hebraica que significa “se tornar o mestre de uma esposa.” Um marido era tanto o mestre de sua esposa quanto ele era de sua casa ou de seus campos. Consequentemente, a esposa se dirigia a ele de uma maneira subserviente, como um escravo se dirigiria a um mestre ([Gn 18.12](#); [Jz 19.26](#)). Esta baixa posição para as mulheres se estendia até mesmo para a posição de uma filha nos antigos lares. As mulheres estavam sempre sob a autoridade de um parente homem: primeiro, o pai; depois, o marido. Se uma mulher se tornasse viúva, ela passava a estar sujeita ao parente homem mais próximo de seu marido, que se tornava seu “resgatador”. O preço da noiva ([Gn 29.18. 27](#); [Êx 22.16-17](#); [1Sm 18.25](#); [2Sm 3.14](#)) pago por seu marido não era exatamente o homem comprando a mulher da casa de seu pai, mas esta troca de dinheiro a estigmatizava. A quantidade paga pela noiva dependia da posição social de seu pai ([Gn 34.12](#)). O preço comum era provavelmente de 20 a 30 siclos de prata. A noiva recebia de seu futuro marido presentes de joias, ornamentos e roupas, e ela, ocasionalmente, desfrutava de algum tipo de retorno financeiro ou material do preço pago por ela para seu próprio uso ([Js 15.19](#); [Jz 1.15](#)). Quando seu pai ou marido morriam, o dinheiro frequentemente era revertido para ela.

Uma mulher noiva era considerada propriedade de seu noivo, da mesma forma como se ela já estivesse casada com ele ([Deuteronômio 22.23-27](#)). A mulher deixava sua própria família no casamento, para viver e se tornar parte da família de seu novo marido. Normalmente, todos os casamentos sucessivos seriam com os membros dessa família.

Apesar da baixa posição legal da mãe da família, sua vida não era tão ruim quanto se poderia supor. Ela era a esposa legal, não uma serva que não era paga, e ela frequentemente assumia um papel forte como conselheira de seu marido nos assuntos familiares. Sua função mais importante, além de dar à luz, era a organização da casa, da qual ela normalmente era a administradora respeitada. Mesmo que a esposa tivesse sido adquirida através da captura na guerra ([Deuteronômio 21.10-14](#)), ela não poderia ser

vendida como uma escrava, nem mesmo sua filha poderia ([Êx 21.7](#); [Neemias 5.5](#)).

No entanto, sua posição era precária, visto que ela poderia ser rejeitada ou divorciada por seu marido como resultado de uma simples renúncia: “Ela não é mais minha esposa, e eu não sou mais seu marido”. Talvez ele tivesse encontrado falhas em suas habilidades culinárias, ou possivelmente ele estaria de olhos em outra mulher. Em todo caso, um marido sabia que se sua esposa não obedecesse a um sinal ou um olhar sequer, ele estava dentro de seus direitos de obter o divórcio (cf. [Eclesiástico 25:26](#)). A esposa, no entanto, detinha um certo grau de proteção através da carta de repúdio, pela qual sua liberdade era formalmente restaurada. Sob a tradição judaica, uma esposa não poderia se divorciar de seu marido.

Em questões de protocolo doméstico, a esposa hebreia não era apresentada aos convidados de seu marido, uma tradição que posteriormente levou a um considerável constrangimento para a esposa de Abraão, Sara, e para Rebeca ([Gn 20.16](#)). Uma mulher normalmente permanecia com o véu em público ([24.65](#); [38.14](#); [Is 47.2](#)).

As imagens em [Provérbios 19.13](#) e [27.15](#) desenvolvem uma comparação vigorosa entre uma mulher contenciosa e água gotejando de um telhado com vazamento. O AT deixa poucas dúvidas sobre o tipo de comportamento esperado de uma mulher. Esperava-se que ela fosse encantadora, de fala suave, discreta e calma ([Pv 9.13](#); [11.16, 22](#); [21.9](#)). Ela também deveria ser responsável, bem organizada, inteligente, atenciosa, reverente e uma boa administradora da casa e das finanças da família ([31.10-31](#)). Uma mulher também deveria ser piedosa e bonita, e na tradição do NT, submissa a seu marido, como condiz a uma mulher adornada com a joia inestimável de um espírito gentil e manso ([Tt 2.4-5](#); [1Pe 3.1-6](#)).

As ações de algumas mulheres que não parecem se encaixar no padrão da mulher mansa e passiva, representada acima, são registradas na Bíblia e nos Apócrifos. Os livros de Judite e Ester descrevem contos heroicos de como as fortunas nacionais foram salvas por mulheres. Débora e Jael foram heroínas renomadas ([Jz 4-5](#)), e o reino de Judá foi governado por uma mulher cruel, Atalia, por vários anos ([2Rs 11](#)). As mulheres que chegaram à vanguarda da vida pública foram excepcionais e poucas em número. Judite era uma viúva rica, uma coisa incomum em Israel.

Segurança conjugal

A segurança da posição de uma esposa melhorava consideravelmente quando ela tinha seu primeiro filho, especialmente se fosse um filho homem. O dever principal de uma mulher para com seu marido e sua família era a procriação ([Gn 1.28; 9.1](#)), e até que ela desse a luz a um filho, ela temia ser substituída por uma segunda esposa ou uma concubina. Os casamentos poligâmicos não eram de forma alguma raros, especialmente em famílias ricas. Eles resultavam em dois grupos familiares mal definidos, controlados pelas mães, mas sob a autoridade geral dos pais; havia ciúmes e atritos inevitáveis.

A posição legal de uma mulher era consistentemente pobre nos tempos bíblicos. Sem nenhuma evidência, um marido poderia acusar sua esposa de adultério, e ela era compelida a enfrentar um julgamento por provação. Ela tinha que se submeter a fazer um juramento, comer poeira e uma oferta de cereais e beber água amarga. Um sacerdote, por sua vez, fazia pronunciamentos sobre os terríveis resultados que lhe viriam se ela fosse culpada: ela se tornaria uma marginalizada sem esperança de sobrevivência. Mas se ela mantivesse sua serenidade, e se sua coxa não apodrecesse, nem seu abdômen inchasse, ela era considerada como tendo “provado” sua inocência. Em tal evento, ela ficaria livre, e seu marido não precisaria enfrentar nenhuma responsabilidade por sua falsa denúncia ([Nm 5.12-31](#)).

Se uma mulher fizesse um voto, este seria válido apenas enquanto seu pai ou marido o aprovasse. Se ela se tornasse viúva, o voto ainda permanecia em vigor e poderia ser usado contra ela ([Nm 30.3-15](#)).

Uma mulher em Israel estava sempre sob a proteção de um homem, seja seu pai, avô, bisavô, irmão, marido ou algum outro membro da família de seu marido. Ela tinha poucos direitos legais e, em contraste com as tradições babilônicas, não poderia ter direito à herança após a morte de seu marido. Não é de se admirar que as viúvas fossem classificadas junto aos órfãos e pobres. Uma viúva sem filhos poderia, dependendo da ocasião, voltar para a família de seu pai ([Gn 38.11; Lv 22.13; Rt 1.8](#)), tornando-se assim novamente sujeita à autoridade de seu pai. Uma viúva hebreia também poderia permanecer com a família de seu falecido marido. Ela então ficaria sob a proteção de seu “resgatador”, um parente homem da família de seu marido que assumiria a responsabilidade por ela. Se um marido morresse deixando uma mulher sem filhos, era responsabilidade do irmão do marido se

casar com ela. O primeiro filho nascido de tal união era então considerado como o herdeiro do primeiro marido.

Era normal que um irmão aceitasse a obrigação de tal casamento (levirato). Este poderia ser negado por vários motivos, mas tal rejeição era considerada desonrosa, pois era o dever do homem perpetuar o nome de seu irmão e salvaguardar os bens da família.

As responsabilidades de um resgatador eram consideráveis. Além do casamento, ele talvez estivesse envolvido em vingar a reputação da família, e ele tinha que garantir que a propriedade da família aumentasse e permanecesse dentro do controle desta família.

Se um israelita caísse em dívida e fosse forçado a se vender como escravo, ele normalmente seria “resgatado” por um de seus parentes ([Lv 25.47-49](#)). Se em sua miséria um israelita tivesse que vender sua terra ou sua casa, o resgatador tinha o direito da primeira recusa sobre todos os outros possíveis compradores. Era tanto seu dever quanto seu direito impedir que a propriedade familiar passasse para as mãos de estranhos (v. [25](#)). O profeta Jeremias comprou o campo de seu primo Hananel sob circunstâncias semelhantes ([Jr 32.6-15](#)).

A história mais familiar do AT de uma viúva sem filhos, seu “resgatador”, e seu casamento levirato está registrada no livro de Rute. Um dos dois filhos de Noemi se casou com Rute. Quando Rute ficou viúva, sua sogra empobrecida, Noemi, deixou sua casa em Moabe e voltou para Belém para vender parte da propriedade da família. Embora um parente próximo estivesse preparado para comprar a terra e mantê-la na família, ele não estava pronto da mesma maneira para se casar com Rute ([Rt 3.12; 4.4](#)). Ele sabia que um filho dessa união seria considerado um filho do falecido, levaria o nome do marido morto e, assim, finalmente, herdaria a terra ([4.4-6](#)). O parente próximo em ordem de parentesco era Boaz, que se tornou o “resgatador” de Rute. Ele estava preparado para aceitar a dupla obrigação de comprar a terra e se casar com Rute ([4.9-10](#)).

Posição dos filhos

As crianças eram geralmente muito amadas, mas sua infância era curta e muitas vezes eram consideradas trabalhadores da casa ou dos campos. De acordo com a lei da primogenitura, o filho mais velho recebia uma porção dupla da

propriedade como seu direito ([Deuteronômio 21.17](#)). Assim, ele era assegurado da posição de chefe de família. Mesmo durante a vida de seu pai, o filho mais velho tinha precedência sobre seus irmãos e irmãs ([Gn 43.33](#)). Quando gêmeos nasciam, o primeiro a emergir do útero era considerado o mais velho, com todos os privilégios atendidos ([25.24-26](#); [38.27-30](#)).

Por uma ofensa grave, o filho mais velho poderia perder o direito de primogenitura ([Gn 35.22](#); [49.3-4](#); [1 Crônicas 5.1](#)), ou poderia ser entregue voluntariamente, como Esaú fez vendendo seu direito de primogenitura a seu irmão Jacó ([Gn 25.29-34](#)). Havia uma lei que protegia o filho mais velho do favoritismo de seu pai por um irmão mais novo ([Deuteronômio 21.15-17](#)). Todavia, o rei Davi deu seu reino a Salomão, seu filho mais novo ([1Rs 2.15](#)).

Em uma família sem filhos homens, uma filha poderia herdar a propriedade ([Nm 27.8](#)). Com frequência, os pais não consultavam nem seus filhos, nem suas filhas quando os parceiros de casamento eram arranjados para eles. O casamento era muitas vezes uma aliança ou contrato entre duas famílias, e, portanto, os desejos e interesses dos indivíduos eram considerados sem importância. Relacionamentos de amor eram poucos, embora ocasionalmente um filho se casasse desafiando seus pais, como Esaú fez ([Gn 26.34-35](#)). Embora fosse raro os jovens expressarem seus sentimentos e preferências sobre o casamento de uma maneira aberta, a filha de Saul, Mical, declarou seu amor por Davi ([1Sm 18.20](#)).

Não há registro de adoção legal entre os hebreus, mas isso já era praticado desde os tempos antigos na Mesopotâmia. Era especialmente útil como um meio de garantir a um casal sem filhos que suas terras continuariam sendo lavradas e que eles seriam cuidados em sua velhice. Todos os exemplos de adoção mencionados no AT ocorreram fora da terra de Israel ([Êx 2.10](#); [1Rs 11.20](#); [Et 2.7, 15](#)) e não são exemplos de verdadeira adoção como um membro vitalício de uma família.

Os direitos dos filhos

A natureza da sociedade patriarcal fazia distinções infelizes entre filhos homens e mulheres. A posição de uma filha, que poderia ser vendida como escrava ou vendida para ser a concubina de um homem e, então, ser possivelmente vendida novamente ([Êx 21.7-11](#)), certamente era inferior à posição de um filho. No período patriarcal, no entanto, tanto um

filho quanto uma filha poderiam ser mortos por desobedecer ao chefe da família. Os filhos também poderiam ser sacrificados em rituais de adoração (veja [Gn 22](#); [Jz 11](#)). É provável que o sacrifício infantil fosse praticado pelas nações vizinhas de Israel, incluindo Canaã e Amom.

Os direitos dos filhos foram consideravelmente melhorados com a promulgação do código da lei mosaica. Um pai não tinha mais permissão para matar seu filho sem explicar o caso aos anciãos ([Deuteronômio 21.18-21](#)). Tanto filhos quanto filhas poderiam ser trazidos diante de tais autoridades e acusados de serem desobedientes, glutões ou bebedores. A autoridade absoluta de um pai se estendia até mesmo ao seu filho casado e sua família se eles estivessem vivendo sob o telhado dele. A lei também proibia os filhos de serem responsabilizados pelos crimes de seus pais ([Deuteronômio 24.16](#)). No tempo do rei Davi, uma pessoa condenada pela comunidade tinha o direito de apelar ao rei ([2Sm 14.4-11](#)).

Nas famílias hebraicas, ambos os pais eram mantidos em alto respeito. A honra tinha que ser dada tanto à mãe quanto ao pai ([Êx 20.12](#)), e a lei condenava as ofensas contra ambos os pais ([21.17](#); [Lv 20.9](#); [Dt 21.18](#); [27.16](#)). O respeito devido à mãe é um tema recorrente na literatura de sabedoria ([Pv 19.26](#); [20.20](#); cf. [Eclesiástico 3.1-16](#)).

Vida diária da família hebraica

Nos assuntos cotidianos de uma casa hebraica, era responsabilidade do pai manter os bens da família e ser o provedor. Ele poderia trabalhar nos campos, provavelmente com colheitas de linho, cevada ou trigo. Ou ele trabalharia em um ofício, possivelmente como tecelão, construtor, oleiro, tintureiro, fuloneiro ou um trabalhador de cobre, ou bronze. Se ele morasse perto do litoral, ele poderia ser um pescador.

O pai também era responsável pelo bem-estar religioso da família. Era seu dever assumir a educação de seus filhos desde cedo, ensinando-os os princípios da religião hebraica ([Êx 10.2](#); [12.26](#); [Dt 4.9](#); [6.7](#)). Ele também explicava todas as facetas da lei e a história entrelaçada da nação.

O pai era o disciplinador da família, com a vara sendo usada para garantir que as lições ensinadas fossem aplicadas em casa ([Pv 13.24](#); [22.15](#); [29.15-17](#)). Embora as crianças fossem amadas e valorizadas, elas não eram mimadas ([Eclo 30.9-12](#)). Nos tempos pós-exílicos, a educação também acontecia dentro dos recintos da sinagoga, e pouco

antes do tempo de Cristo, uma educação elementar geral começou a ser introduzida. Também era imperativo que um pai ensinasse aos seus filhos um ofício, normalmente o seu próprio, pois um homem sem um ofício ou morria de fome, ou se tornava um ladrão. Outra responsabilidade paterna importante era fornecer esposas para os filhos homens na casa.

A mãe era responsável pela educação elementar de seus filhos e filhas ([Pv 1.8](#); [6.20](#)), ensinando-lhes canções e orações religiosas assim que eles pudessem falar. Um pai assumia a educação de seus filhos, mas a mãe continuava com as filhas, treinando-as para fiar, tecer, cozinhar, limpar, aparar as lâmpadas e, em geral, se tornarem competentes em todos os deveres domésticos ([31.13-31](#)).

Com poucos móveis, manter uma casa limpa significava varrer o chão para mantê-los livres de poeira e sujeira. Cozinhar era ao mesmo tempo, simples e difícil. Era simples na medida em que grande parte da comida era cozida na forma de uma sopa ou ensopado, ou então tudo era feito em um bolo e assado em uma chapa. Era difícil porque o milho tinha que ser moído à mão e o pão era assado diariamente.

Esperava-se que uma mãe manuseasse lã, cortasse-a, girasse-a e muitas vezes tecesse e fizesse roupas para sua família. Além disso, ela ajudaria seu marido nos campos na época da colheita. Como muitas famílias tinham uma ou mais oliveiras, algumas vinhas e figueiras, a mãe também trabalhava na colheita dos frutos. Ela às vezes trabalhava na prensa quando as azeitonas ou as uvas estavam sendo processadas. Frequentemente, pisar nas uvas no tanque da família era uma atividade feita pelo marido e pela esposa juntos. Tirar água do poço era considerado uma tarefa servil e geralmente era da responsabilidade da esposa, embora às vezes fosse passada aos filhos ([Gn 24.15-16](#)).

Como em todas as sociedades, havia um tempo em que as crianças riam e brincavam juntas ([Zc 8.5](#); [Mt 11.16](#)), embora a infância e a adolescência não fossem reconhecidas como estágios específicos de desenvolvimento. As crianças eram consideradas lactantes se tivessem menos de três anos, mas eram consideradas meninos ou meninas quando eram capazes de cuidar de si mesmas. Uma criança pequena assentada no colo de sua mãe e foi citada em ([Is 66.12](#)). Não há evidências de esportes organizados para crianças. Brinquedos, incluindo apitos, chocalhos, bonecas e utensílios de cozinha

em miniatura, foram escavados em locais palestinos.

Assim que um menino tinha idade suficiente, ele tomava seu lugar na família e aceitava sua tarefa reservada. Entre outras coisas, esperava-se que as crianças recolhessem combustível ([Jr 7.18](#)). Meninos e meninas cuidavam dos rebanhos. As ovelhas tinham que ser protegidas das feras selvagens saqueadoras, protegidas contra sua própria insensatez quando elas vagavam perto de fendas, se dirigiam para bom pasto e água, e levadas para casa quando doentes ou feridas ([Gn 29.6](#); [Êx 2.16](#)). O tratamento do gado também era da responsabilidade das crianças ([1Sm 16.11](#)). Por necessidade, os meninos eram treinados nas várias artes da guerra.

As crianças às vezes se juntavam a seus pais nos campos, e sua presença sempre era bem-vinda. Desde os primeiros tempos, os meninos em especial observavam seus pais até que eles também escolhessem uma ferramenta ou instrumento para testar sua habilidade; as meninas observavam e aprendiam com suas mães. As crianças pequenas frequentemente ouviam a conversa dos anciãos nos portões da cidade ou nas aldeias. Uma visita a um santuário no tempo de festa era um assunto de família, fornecendo uma experiência de aprendizado ideal. Quando criança, Jesus acompanhou seus pais, Maria e José, até o templo em Jerusalém ([Lc 2.42-47](#)).

As jovens meninas eram surpreendentemente livres para realizar suas tarefas designadas. Elas não eram isoladas ou veladas e poderiam fazer visitas livremente com amigas e vizinhas ([Gn 34.1](#)). Elas também podiam conversar com os homens sem constrangimento ([24.15-25](#); [29.11-12](#); [1Sm 9.11-13](#)).

As refeições eram estritamente momentos familiares. É discutível que uma refeição comparável a um café da manhã fosse comida, e um fazendeiro provavelmente tinha um almoço leve nos campos. A principal refeição do dia era preparada pela mãe, e era comida no início da noite. Embora a variedade de alimentos disponíveis fosse limitada, sua preparação consumia tempo.

Os tempos das festas eram períodos de grande significado religioso e também eram os dias em que os membros da família participavam dos rituais simbólicos de sua fé. Entre os israelitas, vários tipos de comida eram fundamentais para seu ritual religioso. A unidade da família e a religião nacional

eram moldadas por refeições especiais feitas em casa.

A luz do dia desempenhava um papel importante nos hábitos diários das pessoas na antiguidade. Embora as lâmpadas a óleo estivessem prontamente disponíveis em períodos posteriores, era costume se levantar com o sol e ir para a cama relativamente logo após o anoitecer. A esposa provavelmente acordava antes do nascer do sol e continuava seu trabalho ao anoitecer.

Nos tempos do Novo Testamento

Nos tempos do NT, para aqueles que seguiram o estilo grego e romano, a vida se tornou mais elegante. Apesar disso, a posição de muitos dos membros da família não mudou substancialmente. As famílias mais ricas tinham mais escravos, e as crianças eram mais propensas a ter educação formal, ocasionalmente investindo menos esforço nas tarefas familiares. Mesmo nos tempos romanos, no entanto, o pai ainda tinha o direito legal de aceitar ou rejeitar seu filho.

A posição da mulher havia definitivamente melhorado no período do NT. Uma mãe de família romana era altamente respeitada e exercia uma forte influência sobre seu marido. Ela não ficava restrita em uma parte específica da casa, como uma mulher grega, mas gerenciava e supervisionava tarefas em qualquer parte de sua casa. Ela ajudava seu marido nos negócios, tinha seu próprio lugar nos teatros, jogos e festivais religiosos, e às vezes administrava sua própria propriedade. As mulheres palestinas começaram a desfrutar de uma nova condição e maior dignidade, como resultado da atitude de Jesus em relação às mulheres e sua influência na igreja cristã primitiva.

Veja também Educação; Casamento, Costumes Matrimoniais; Sexo, Sexualidade; Viúva; Mulher.

Vida sem fim

Veja Vida eterna.

Vida, Livro da

Veja Livro da Vida.

Videira de Sodoma

Designação para uma planta que produz um fruto atraente, mas não comestível ([Dt 32.32](#)). *Veja* Plantas (Cabaça, Selvagem).

Videira, videira selvagem

Uma videira é qualquer planta com um caule flexível que sobe, se enrola ou se espalha ao longo de uma superfície ou suporte. A videira comum (*Vitis vinifera*) é mencionada ao longo da Bíblia. A videira frutífera ([Ez 17.5-10](#)) e a videira trazida do Egito ([Sl 80.8](#)) foram usadas como símbolos do povo judeu. Jesus comparou-se à verdadeira videira, com seus discípulos sendo os ramos ([Jo 15.1-6](#)).

A videira da Europa, Ásia e África às vezes cresce como uma árvore, com caules de até 45,7 centímetros de diâmetro. Os ramos são frequentemente treinados em uma treliça e podem produzir cachos de uvas pesando de 4,5 a 5,4 quilogramas, com uvas individuais tão grandes quanto pequenas ameixas. Alguns cachos são conhecidos por pesar até 11,8 quilogramas. As videiras da Terra Santa sempre foram famosas por seu crescimento abundante e pelos enormes cachos de uvas que produziam. Isso explica por que os espiões enviados para explorar a terra Prometida precisaram de um poste para carregar alguns dos cachos de uvas de volta ([Nm 13.23-24](#)).

A uva selvagem (*Vitis orientalis*) é mencionada em [Isaías 5.2-4](#), [Jeremias 2.21](#) e [Ezequiel 15.2-6](#). É conhecida como a uva selvagem nativa e possui pequenas bagas pretas e azedas, do tamanho de groselhas, com muito pouco suco.

Veja Videiras, vinhedo; Vinho.

Videiras, Vinhedo

Videiras ou parreiras são plantas cultivadas para a produção de uvas, passas e vinho. Um vinhedo é uma área onde se cultivam parreiras.

As escrituras mencionam videiras tanto em sentidos literais quanto figurativos. As videiras provavelmente se originaram na região de Ararate ([Gn 9.20](#)). A videira também foi cultivada no antigo Egito, onde murais de tumbas retratam a produção de vinho. Os cananeus forneceram vinho para Abraão ([14.18](#)). Moisés descreveu os vinhedos na terra prometida ([Dt 6.11](#)).

Por que as videiras eram importantes nos tempos bíblicos?

Excelentes uvas dos vales e planícies forneciam frutas e vinho para melhorar a dieta insípida dos hebreus ([Nm 13.20.24](#); [Jz 14.5](#); [15.5](#)). O vinho era um produto importante que as pessoas compravam e vendiam. Esse comércio era muito ativo durante o tempo dos últimos reis de Israel (compare [Ez 27.18](#)). Continuou a ser importante mais tarde, quando os gregos e romanos governaram a terra. Para os hebreus, uma imagem ideal de vida era de um homem pacificamente em um lugar, cultivando seu pedaço de terra e sentado sob sua videira ([1Rs 4.25](#)).

Cultivo e colheita de uvas

Uma cerca viva ou cerca protetora cercava a vinha típica. Na época da colheita, guardas ficavam em uma torre de vigia para proteger a colheita de ladrões ([Jó 24.18](#); [Is 1.8](#); [Mc 12.1](#)). As videiras eram plantadas em fileiras na área cercada. À medida que as plantas cresciam, os ramos eram guiados ao longo de suportes para elevar os galhos frutíferos do chão ([Ez 17.6](#)). Os viticultores podavam e cuidavam das videiras ([Lv 25.3](#); [Is 61.5](#); [Jl 3.10](#); [Jo 15.2](#)). Na época da colheita, o fruto maduro era colhido e levado para os lagares ([Os 9.2](#)). O pisoteio das uvas era uma ocasião de celebração ([Is 16.10](#); [Jr 25.30](#)). O suco fermentado era coletado em novos odres de pele de cabra ou grandes jarros de cerâmica ([Mt 9.17](#)).

O papel dos vinhedos na vida cotidiana

Os trabalhadores da colheita de uvas podiam ser isentos do serviço militar, destacando sua importância econômica. Impostos e dívidas eram frequentemente pagos com vinho em vez de dinheiro. A lei permitia que os pobres respigassem nas vinhas como nos campos de trigo, coletando quaisquer uvas ou grãos deixados para trás após a colheita ([Lv 19.9-10](#)). As videiras que não produziam frutos eram usadas para produzir carvão ([Ez 15.4](#); [Jo 15.6](#)).

O ensino de Jesus sobre videiras e vinho

Jesus frequentemente usava a videira como pano de fundo para suas parábolas ([Mt 20.1-16](#); [21.28-43](#); [Mc 12.1-11](#); [Lc 13.6-9](#); [20.9-18](#)). Os métodos de produção de vinho eram amplamente conhecidos e compreendidos. A história de Jesus sobre colocar vinho novo em odres velhos era facilmente reconhecível para os ouvintes do Novo Testamento ([Mt 9.17](#)). Em um sentido simbólico,

Cristo se descreveu como a verdadeira videira, e seu sangue tornou-se o vinho sacramental da comunhão ([Jo 15.1-11](#)).

Ver também Agricultura; Plantas (Videira).

Vidente

Veja Profecia; Profeta, Profetisa.

Vidente

Aquele que prediz eventos; uma prática pagã, a adivinhação era proibida em Israel ([Dt 18.10.14](#)). Nas Escrituras, a adivinhação foi praticada por Balaão, filho de Beor ([Is 13.22](#)) e pelo Rei Manassés de Judá ([2Rs 21.6](#); [2Cr 33.6](#)); os descendentes de Jacó foram comparados aos adivinhos da Filístia ([Is 2.6](#)); eles foram listados entre os falsos profetas de Judá ([Jr 27.9](#)). Durante os tempos do NT, a adivinhação era a fonte de um comércio lucrativo em Filipos ([At 16.16](#)).

Veja Magia; Feitiçaria.

Viga, Eixo

1. Um eixo de tecelão — (ou lançadeira de tecelão) um rolo de madeira redondo em torno do qual o tecido ou tapete era enrolado durante o processo de tecelagem nos tempos bíblicos. As lanças do gigante Golias ([1Sm 17.7](#); [2Sm 21.19](#); [1Cr 20.5](#)) e de um egípcio morto por Benaia, um dos valentes de Davi ([1Cr 11.23](#)), foram comparadas a um eixo de tecelão.
2. Um tronco de árvore ou tora que foi cortado e usado para fins de construção. O rei Salomão utilizou vigas e tábuas de cedro para construir o templo ([1Rs 6.9](#); [2Cr 3.7](#)) e sua “Casa da Floresta do Líbano” ([1Rs 7.2.12](#)). Outra menção às vigas de cedro provavelmente se refere ao seu aroma ([Ct 1.17](#)).
3. A trave de uma balança hebraica da qual pendiam cordas para as bandejas.

4. Uma trave ou viga que Jesus mencionou ([Mt 7.3-5](#); [Lc 6.41-42](#)). Jesus comparou a trave no olho de um acusador com o argueiro (como trazem algumas traduções) ou cisco (versão literal) no olho de seu irmão.

Vigia

Um vigia era uma pessoa que protegia uma cidade ou local militar. Os vigias ajudavam a proteger as pessoas de ataques surpresa ou perigos como fogo ou guerra ([1Sm 14.16](#); [2Sm 18.24-27](#); [2Rs 9.17-20](#); [Is 21.6-9](#)). Um vigia ficava em um lugar alto e observava o perigo. Se o inimigo estivesse vindo, o vigia avisaria as pessoas. Um vigia também anunciava o início de um novo dia ([Sl 130.6](#); [Is 21.11-12](#)).

Às vezes, Deus chamava os profetas de "vigias". Como um vigia, um profeta tinha que avisar o povo se o perigo estava vindo. O profeta alertava sobre o pecado e sobre o julgamento de Deus. Se o profeta não avisasse o povo, ele seria culpado pela morte deles ([Ez 33.2-9](#); compare [Jr 6.17](#); [Ez 3.17](#); [Os 9.8](#)).

Nem todos os líderes eram bons vigias. Isaías disse que alguns líderes eram como vigias cegos. Eles não conseguiam ver o perigo e não ajudavam o povo a voltar-se para Deus ([Is 56.10](#); [Mq 7.4](#)). Profetas fiéis foram os primeiros a ver a destruição que estava por vir a Israel. Mas eles também foram os primeiros a dizer que Deus traria o povo de volta à sua terra ([Is 21.11-12](#); [52.8](#)).

Vigília

Unidade de tempo para a divisão da noite tanto no AT quanto no NT. Durante o período do AT, a noite era dividida em três vigílias militares. A vigília de início ou da tarde decorria do pôr do sol até aproximadamente às 22h ([Lm 2.19](#)); a vigília média ou da noite era das 22h às 2h da manhã ([Jz 7.19](#)); e a vigília da manhã era das 2h até o nascer do sol ([Êx 14.24](#); [1Sm 11.11](#)). Durante o período romano, o número de vigílias foi aumentado de três para quatro. Essas eram descritas por número (primeira, segunda, etc) ou como a noite, a meia-noite, canto do galo e a manhã ([Mt 14.25](#); [Mc 6.48](#)). As respectivas vigílias terminavam aproximadamente às 21h, meia-noite, 3h da manhã e 6h da manhã. *Veja* Noite.

Vinagre

Veja Alimentos e preparação de alimentos.

Vingador de sangue

Uma pessoa que perseguia e eventualmente executava o assassino de um parente próximo ([Nm 35](#)). Este "redentor" era esperado para agir em casos de assassinato intencional, mas não em homicídio culposos. Alguém culpado de homicídio culposos poderia buscar asilo em uma das seis cidades designadas ([Nm 35.11](#)) para garantir que os processos legais adequados pudessem ocorrer. O papel do vingador de sangue é mencionado em histórias sobre:

- Gideão ([Jz 8.18-21](#))
- Joabe ([2Sm 3.27.30](#))
- Os gibeonitas ([2Sm 21](#))
- Amazias ([2Rs 14.5-6](#))

Durante a monarquia, o rei podia impedir o vingador ([2Sm 14.8-11](#)).

Esse costume se baseava no mandamento de Deus de que uma vida deveria ser tirada por uma vida em casos de homicídio intencional ([Gn 9.6](#)). Infelizmente, o objetivo da lei — destacar a importância da vida humana — às vezes foi mal interpretado, levando a guerras familiares e à destruição de famílias inteiras em algumas sociedades.

Veja também Direito civil e justiça.

Vingador de Sangue

Uma pessoa que tentava fazer justiça matando um assassino. Essa pessoa geralmente era o parente mais próximo da vítima.

A lei de Moisés estabeleceu regras para esse tipo de vingança. Essas regras ajudavam a prevenir mortes injustas e protegiam aqueles que matavam acidentalmente.

Veja Vingador de Sangue.

Vingança, vingador

Veja Vingador do sangue.

Vinho

Bebida feita de suco de uva fermentado.

Origem

Noé foi o primeiro a produzir vinho ([Gn 9.21](#)), presumivelmente nas encostas do Monte Ararate. Mas a produção de vinho não estava confinada àquela região, porque o Egito, e mais tarde a Grécia, tinha um carinho pelo suco. Na verdade, a produção de vinho era conhecida por ter existido no período pré-histórico da Mesopotâmia e foi trazida para o Egito antes de 3000 a.C.

A palavra “vinho” pode ser identificada com palavras para videira, vinha e uvas pretas. A videira, que produz o vinho, era muitas vezes identificada no mundo do Oriente Próximo como a “árvore-da-vida”. Tanto no Egito quanto na Mesopotâmia, pensava-se que uma deusa protegesse a videira. A “senhora da árvore celestial da vida”, a deusa Siris, vivia nas montanhas do noroeste da Assíria. Primeiro Enoque 32.4 chama a videira de árvore do conhecimento. De acordo com a tradição judaica, a videira foi salva do Dilúvio por Noé.

Produção de vinho

Existem poucos documentos antigos sobre a arte da fabricação do vinho. A experiência e os interesses de alguns botânicos antigos parecem ser a única fonte de conhecimento disponível sobre os primeiros produtores de videira. O talentoso estudante de Aristóteles, Teofrasto de Eressos, escreveu um livro intitulado *Investigação sobre Plantas*, apresentando uma mistura de experiência prática e teoria. Mais tarde, ele continuou com *Sobre a vida das plantas*, um trabalho dando observações detalhadas sobre a fabricação de vinho. Suas ideias sobre quando plantar, como podar, declarações contra o enxerto e como cuidar da videira demonstram a genialidade grega. Eles elevaram a viticultura para uma ciência que pouco mudou nos últimos 2200 anos.

Um grande cuidado era tomado pelos produtores de videira gregos para garantir o sucesso de suas colheitas. As videiras ficavam perto do chão em vez de serem penduradas. Tendo isso em vista, ratos e raposas eram especialmente indesejáveis, e muita

capinação era necessária para manter o solo livre de ervas daninhas. Mas seu método, em geral, era muito eficaz.

No início de setembro, as uvas eram colhidas nas planícies, e no final do mês nas colinas. Com um festival inicial de música e dança, os trabalhadores traziam os cachos de uvas para os lagares, tanques baixos de cimento inclinados em direção a um dos cantos. Depois disso, os trabalhadores pisoteavam as uvas. O primeiro *mosto* (suco do esmagamento) era altamente valorizado porque fornecia os vinhos mais selecionados. O suco restante era extraído torcendo as uvas pisadas em uma prensa de saco, geralmente feita de pano. Uma terceira classe de vinho era produzida misturando ou até mesmo cozinhando as uvas restantes com um pouco de água e espremendo a mistura. Este tipo de vinho era bebido apenas pelos pobres.

Mais tarde, os gregos inventaram uma prensa de uvas na qual uma viga longa, tendo uma parte que virava em uma extremidade e pedras pesadas na outra, comprimia camadas de uvas. O antigo Oriente Próximo tinha esses diferentes métodos de extração de vinho, mas o pisotear de uvas, mesmo na Grécia, sempre era o método favorito.

Na Grécia, o período de fermentação era geralmente de seis meses, durante os quais o líquido era constantemente escumado. No entanto, no antigo Oriente Próximo, o processo de fermentação geralmente terminava em três ou quatro dias, a temperatura ideal de crescimento era de 25 graus. Os antigos sabiam que qualquer fermentação adicional produziria acidez.

Após a fermentação desejada, o vinho era transferido para vasilhas de couro ou frascos de cerâmica para transporte, ou venda. As alças e rolhas eram estampadas para indicar a marca, a origem e a colheita. Nestes períodos, o vinho era coado em peneiras de pano ou metal para eliminar contaminadores, como grãos ou insetos.

Tipos de vinho

Os poetas antigos discorrem sobre muitas marcas diferentes de vinho, com Ateneu mencionando 85 variedades diferentes. Galeno cita 60; Plínio menciona 150; e Estrabão, 30. Os vinhos são distinguidos por diferentes cores (preto, vermelho, branco ou amarelo) e por seu gosto (seco, amargo, leve ou doce). Os relatos bíblicos enumera vários tipos de vinho, como os vinhos do Líbano e Helbom. Hebrom e Samaria eram famosas por sua fabricação de vinho. A língua hebraica tem pelo

menos nove palavras diferentes para vinho, e o grego tem quatro que são mencionadas no NT.

Natureza do vinho

Poucos questionariam que pelo menos parte vinho do AT era fermentado. Alguns estudiosos argumentam, no entanto, que certas formas de vinho no mundo antigo não eram fermentadas. Eles contrastam duas palavras hebraicas para vinho, concluindo que uma palavra hebraica específica que se refere ao vinho fresco significava apenas suco de uva ([Pv 3.10](#); [Os 9.2](#); [Jl 2.24](#); [Mq 6.15](#)). A inconclusividade desses argumentos pode ser vista dos seguintes pontos: (1) a palavra hebraica é encontrada principalmente em contextos neutros; (2) muitas vezes essa palavra específica é encontrada em contextos definitivamente incluindo uma bebida fermentada (por exemplo, [Gn 27.28](#); [Os 4.11](#); [Mq 6.15](#)); (3) o paralelo ugarítico ao termo em questão se refere com certeza a um vinho fermentado; (4) os equivalentes da Septuaginta se referem ao vinho fermentado; (5) a fermentação no antigo Oriente Próximo, ao contrário da Grécia, levava apenas cerca de três dias; e (6) a Mishná não fornece nenhuma evidência da prática de ter vinho não fermentado. Parece não ter havido tentativas de preservar o vinho em um estado não fermentado; poderia ser uma tarefa quase impossível. Um exame minucioso de todas as palavras hebraicas (bem como seus cognatos semitas) e as palavras gregas para vinho demonstra que os antigos sabiam pouco, ou nada, sobre vinho não fermentado.

Ampla evidência está disponível para demonstrar que o vinho, embora sempre fermentado, era geralmente misturado com água no mundo clássico e helenístico. O vinho era armazenado em grandes jarros chamados *ânforas*, dos quais o vinho era derramado através de um coador em uma grande tigela chamada *krater*. Na *krater*, o vinho era misturado com água. Então as tigelas ou copos eram cheios.

A quantidade de vinho por volume variava. A mistura que representava a maior quantidade de água no vinho era de 20 para 1, aparentemente porque o vinho era muito forte (Homero, *Odisseia* 10.208).

No mundo mediterrâneo ocidental, o termo “vinho” se referia à mistura de vinho e água. Se alguém desejasse mencionar vinho sem água, era necessário adicionar a palavra “não misturado”. Para os gregos, beber vinho não misturado era considerado bárbaro. As evidências, no entanto,

parecem indicar que na era do AT, o vinho era usado sem ser misturado com água. A terminologia de misturar água e vinho é surpreendentemente não atestada. O vinho diluído em água era uma simbologia de adulteração espiritual ([Is 1.22](#)). Nos tempos romanos, esta atitude havia mudado. A Mishná assume uma proporção de duas partes de água para uma parte de vinho; no entanto, fontes talmúdicas posteriores falam de três para um. Um vinho natural e não destilado poderia chegar a até 15% de teor alcoólico. Se diluíssemos três partes de água para uma parte de vinho, o teor de álcool seria de 5% e ainda bastante potente.

O vinho era misturado não apenas com água, mas também com outros ingredientes, semelhante às bebidas misturadas de hoje. Um exemplo disso é visto no homérico “Hino a Deméter”, onde a deusa rejeita o vinho puro e deseja a bebida misturada com farinha, água e hortelã. Muitas vezes vinho forte era misturado em vinho fraco, resultando em uma bebida mais forte. Isso é o que se entende por “mistura” na Bíblia ([Sl 75.8](#); [Is 5.22](#); [Ap 18.6](#); [19.13-15](#)). Às vezes, o vinho fresco, rico em açúcar, era evaporado, e este *mosto* concentrado era misturado com o vinho para obter um teor alcoólico maior.

Não há menção de vinho sendo misturado com água para torná-lo seguro para beber, como é comumente aceito. Exemplos modernos de poluição não eram comuns no mundo antigo, embora este problema aparecesse ocasionalmente. Os exemplos são muitos sobre os poços frescos, fontes e corpos de água em movimento nos tempos bíblicos, e os métodos eram disponíveis para purificar qualquer água impura.

Vinho no Antigo Testamento

A evidência, como visto acima, sugere que o vinho no AT não era misturado com água e era encarado com aprovação quando tomado com moderação. [Juízes 9.13](#) apresenta o vinho como “que alegra a Deus e aos homens”. [O Salmo 104.15](#) retrata o vinho da mesma forma: “vinho que alegra o coração do homem” (cf. também [Et 1.10](#); [Ec 10.19](#); [Is 55.1-2](#); [Zc 10.7](#)). O uso moderado do vinho era uma parte normal e aceita da vida ([Gn 14.18](#); [Jz 19.19](#); [1Sm 16.20](#)). Os sacerdotes levíticos em serviço no templo ([Lv 10.8-9](#)), os nazireus ([Nm 6.3](#)) e os recabitas ([Jr 35.1-6](#)) eram proibidos de beber vinho.

O vinho tinha muitos usos no mundo do AT. A “oferta de bebida” era vinho ([Êx 29.40](#); [Lv 23.13](#)), e o adorador regularmente trazia vinho ao oferecer

sacrifício ([1Sm 1.24](#)). Além disso, um fornecimento de vinho era mantido no templo para fins sacrificiais ([1Cr 9.29](#)). Às vezes, o vinho era usado para ajudar os fracos e doentes ([2Sm 16.2](#); [Pv 31.6](#)).

A bebida forte do AT parece estar intimamente relacionada com o vinho de tâmaras da Mesopotâmia. Este mesmo vinho de tâmaras, com alto teor de açúcar, também seria rico em teor de álcool. Uma palavra hebraica é consistentemente usada para bebida forte ([Lv 10.9](#); [Dt 29.6](#); [1Sm 1.15](#); [Pv 20.1](#); [31.6](#); [Is 29.9](#)). Há uma palavra equivalente a isso em ugarítico, traduzido “bêbado”, que é paralelo à palavra normal para vinho.

Reações negativas ao beber vinho exageradamente abundam no AT. Isaías condenou aqueles que bebiam vinho em excesso ([Is 28.1-8](#)). Muitas advertências sobre beber vinho em excesso são dadas nas Escrituras ([Pv 20.1](#); [21.17](#); [23.20-21](#); [23.32-34](#)).

Vinho no Novo Testamento

O vinho no NT era uma bebida fermentada que era misturada com diversas quantidades de água. Também era misturado com fel ([Mt 27.34](#)) e mirra ([Mc 15.23](#)). As evidências sugerem fortemente que o vinho usado na Ceia do Senhor era uma mistura de água e vinho, provavelmente três para um de acordo com as palavras da Mishná. A frase “fruto da videira” ([Mt 26.27-29](#)) é muitas vezes interpretada como suco de uva fresco. No entanto, o suco de uva fresco seria praticamente impossível de encontrar.

O NT, como o AT, argumenta com força contra o uso exagerado do vinho. A admoestação bíblica é para não se embriagar com vinho ([Ef 5.18](#); [1Pe 4.3](#)). Os líderes na igreja deveriam praticar a moderação no uso do vinho ([1Tm 3.3, 8](#); [Tt 1.7](#)); o grego diz que eles “não devem ser viciados em vinho”.

Veja também Vinhas, Vinha; Lagar.

Violas

Tradução alternativa da ACF para harpa em [Amós 5.23](#); e [6.5](#).

Veja Instrumentos musicais (Nebel).

Virgem

Uma palavra usada para descrever mulheres ou, metaforicamente, para lugares, nações e a igreja. Refere-se a uma mulher que é sexualmente madura, mas não teve relações sexuais. Maria, mãe de Jesus, é um exemplo claro ([Mt 1.18-25](#)).

O Antigo Testamento valoriza muito permanecer virgem antes do casamento. Uma das qualidades de Rebeca que a tornaram uma noiva adequada para Isaque foi sua virgindade ([Gn 24.16](#)). A lei dizia que os sacerdotes deviam casar-se apenas com virgens ([Lv 21.7.13-14](#)). Eles deveriam ser os homens cujas vidas mais se conformavam aos padrões de Deus.

Isso reflete o ensinamento da Bíblia sobre o casamento, idealizando a fidelidade exclusiva. O Novo Testamento expressa esse ideal ao proibir o sexo antes do casamento ([1Co 6.13.18](#)). Usa “virgem” para descrever os cristãos que são fiéis ao seu Senhor ([Ap 14.4](#); compare [2Co 11.2](#)).

De modo negativo, o Antigo Testamento destaca o mesmo princípio em suas penalidades para a perda da virgindade de uma mulher. Se o homem é moralmente responsável, ele deve casar-se com ela ou pagar ao pai dela ([Êx 22.16-17](#)). Se a mulher é a culpada, a punição é a morte ([Dt 22.20-21](#)). O Antigo Testamento, no entanto, diz pouco em favor da virgindade ao longo da vida. Jeremias foi instruído a não se casar, apenas para reforçar o aviso de Deus sobre o julgamento que viria ([Jr 16.2](#)). Do ponto de vista da mulher, era uma tragédia permanecer uma virgem solteira e sem filhos para a vida toda (compare [Jz 11.37](#)).

O Novo Testamento valoriza o casamento, mas destaca mais claramente os benefícios de um compromisso com a virgindade para homens e mulheres cristãos. O celibato, para alguns, é um dom de Deus, como declarou Paulo, pois traz vantagens positivas para o serviço cristão ([1Co 7.7.25-38](#)). Jesus elogiou aqueles que “vivem como eunucos” por causa do reino dos céus ([Mt 19.12](#)).

Veja também Vida familiar e relações; Casamento, Costumes matrimoniais; Sexo, Sexualidade; Nascimento virginal de Jesus; Mulher.

Visão, Visões

Uma visão é quando alguém vê algo com os olhos ou na mente. Na Bíblia, visões geralmente

representam mensagens especiais que Deus revelou aos profetas.

Tipos de visões

Visões sobre o presente

No início das profecias do Antigo Testamento, quando os profetas começaram a transmitir as mensagens de Deus, há exemplos de uma visão especial que outros não possuíam. As pessoas viam essa visão especial como prova de que alguém era realmente um profeta de Deus.

Samuel era um "vidente" ou visionário. Ele conseguia "ver" onde estavam os jumentos perdidos de Saul e dizer a ele onde eles estavam ([1Sm 9.19-20](#)). Eliseu conseguiu seguir as ações erradas de Geazi "em espírito" e confrontá-lo em seu retorno ([2Rs 5.26](#)). Essa habilidade especial de ver coisas era um dom de Deus que ele concedia apenas aos seus profetas. Essas visões mostravam aos profetas coisas que estavam acontecendo na terra naquela época.

Visões sobre o futuro

Deus também concedeu aos profetas visões reveladoras que mostravam aspectos do futuro. Às vezes, Deus transmitia essas mensagens por meio de sonhos. Tanto as visões quanto os sonhos eram formas genuínas de Deus revelar coisas aos seus profetas. A principal diferença parece ser que as visões ocorriam durante o dia, enquanto os sonhos surgiam durante o sono.

Existem diferentes tipos de visão reveladora. Um tipo ocorria quando o Espírito de Deus tomava completamente os sentidos do profeta. Por exemplo, Ezequiel podia ser espiritualmente movido para diferentes lugares enquanto estava nesse estado especial ([Ez 8.3](#); [40.2](#)). A visão de Daniel em [Daniel 8](#) provavelmente era do mesmo tipo, e talvez também fosse a experiência de Jeremias em [Jeremias 13.4-7](#).

Visões de coisas comuns com significado especial

Outro exemplo foi quando Deus ajudou os profetas a verem um significado mais profundo em coisas comuns. Por exemplo, Deus mostrou a Amós um cesto de frutas de verão, mas isso tinha um significado especial. Deus "fez" Amós "ver" o cesto ([Am 8.1-2](#)). Jeremias teve visões semelhantes quando Deus lhe mostrou um ramo de amendoeira e uma panela que estava se virando ([Jr 1.11-13](#)).

Visões celestiais

Havia também um tipo intermediário de visão, onde os profetas viam imagens de coisas celestiais. Isaías teve visões do céu ([1Rs 22.19-22](#); [Is 6](#)). O apóstolo João teve visões semelhantes quando escreveu o livro de Apocalipse.

Como Deus se comunicou por meio de visões

Os profetas podiam receber mensagens de Deus vendo coisas ou ouvindo sua voz. Normalmente, uma mensagem falada era acompanhada por uma imagem que o profeta podia ver, de modo que ver e ouvir ocorriam simultaneamente. Este foi o caso de Isaías, que tanto "viu o Senhor" quanto ouviu Sua voz.

Às vezes, mesmo quando os profetas apenas ouviam a voz de Deus, as pessoas chamavam isso de "visão" porque ainda era uma mensagem de Deus. Em muitos lugares na Bíblia, é difícil dizer se "visão" significa que o profeta principalmente viu algo ou se apenas significa que eles receberam qualquer tipo de mensagem de Deus (por exemplo, [Ez 12.21-28](#)). Frequentemente, "visão" é usado simplesmente como um termo técnico para qualquer mensagem de Deus, mesmo que fossem apenas palavras que o profeta ouviu. Quando Deus chamou Samuel pela primeira vez para ser profeta, a Bíblia usa especificamente a palavra "visão" para descrever esse evento ([1Sm 3.15](#)).

Os livros proféticos na Bíblia contêm mensagens de Deus entregues por meio de profetas e frequentemente incluem visões, avisos e promessas. Vários dos livros proféticos têm a palavra "visão" em seu primeiro versículo ([Is 1.1](#); [Ob 1.1](#); [Na 1.1](#)). Quando Natã contou a Davi sobre a promessa especial de Deus para ele (a aliança de Deus), essa mensagem também é chamada de "visão" ([2Sm 7.17](#); [1Cr 17.15](#); [Sl 89.19](#)). Em [Daniel 9.24](#) a expressão "A visão e a profecia serão cumpridas" significa confirmar que a profecia de Jeremias (mencionada no versículo [2](#)) era verdadeira e aconteceria.

Há um versículo famoso em Provérbios que diz: "não havendo profecia, o povo se corrompe" ([Pv 29.18](#)). Neste versículo, a palavra original "visão", traduzida por "profecia", refere-se às mensagens que Deus deu através dos profetas. Essas mensagens proféticas tinham o objetivo de ajudar a guiar o povo de Israel em como viver.

Consulte também Apocalipse; Sonhos; Profecia.

Viticultor

Veja Videiras, vinhedo.

Viúva

Uma mulher cujo marido faleceu. As Escrituras frequentemente listam viúvas com os órfãos e os sem pai ([Dt 14.29](#); [16.11](#); [24.19-20](#); [26.12](#); [Sl 94.6](#)). Havia leis para fazer provisões especiais para este grupo. As leis as protegiam contra pessoas que tentavam maltratá-las. A principal lei estava relacionada ao casamento levirato. Isso significava que o parente mais próximo se casaria com a viúva se ela não tivesse filho. Isso era para que a linhagem familiar pudesse continuar (veja a discussão em Casamento).

Viúvas em Israel

Muitas leis do Antigo Testamento reconheciam as dificuldades das viúvas. Deus criou essas leis para proteger e garantir a sobrevivência delas. Deus era seu protetor legal ([Sl 68.5](#)). Ele assegurava que elas tivessem o essencial de comida e vestuário ([Dt 10.18](#)). Deus pronunciou uma maldição sobre aqueles que lhes negassem justiça ([27.19](#)). Na época da colheita, as viúvas podiam respigar o grão nos campos. Elas também tinham direito a algumas uvas e azeitonas ([Dt 24.19](#); [Rt 2.2,7,15-19](#)). A lei também as qualificava para receber alguma ajuda do dízimo do terceiro ano. No entanto, as viúvas eram frequentemente pobres e recebiam tratamento cruel. Referências frequentes na Bíblia atestam esse abuso generalizado ([Jó 24.21](#); [Sl 94.6](#); [Is 1.23](#); [Mt 3.5](#)). Uma lei especial determinava que a roupa de uma viúva não poderia ser usada como garantia para um empréstimo ([Dt 24.17](#)).

Viúvas na igreja primitiva

Na igreja cristã primitiva, havia um grupo reconhecido de viúvas. A igreja as qualificava para receber caridade. Havia vários requisitos para essa qualificação. Essas mulheres precisavam ter pelo menos 60 anos de idade. Elas deviam ter sido esposas fiéis. A igreja também exigia que fossem pobres, sem parentes para sustentá-las. A igreja exigia que fossem irrepreensíveis e dedicadas às boas obras cristãs ([1Tm 5.9-16](#)).

Veja também Vida familiar e relacionamentos; Casamento.

Vofsi

Um homem da tribo de Naftali foi nomeado por Moisés para ser um dos doze espiões enviados para explorar a terra de Canaã ([Nm 13.14](#)).

Vontade de Deus

Termo importante do Novo Testamento que indica a escolha e determinação de Deus, originando-se do desejo.

Paulo usou uma palavra grega em [Efésios 1.5.9](#) e [11](#) que transmite a ideia de desejo, até mesmo desejo do coração. A palavra é geralmente traduzida como "vontade" — "a vontade de Deus". Mas a palavra "vontade" sublima o significado primário. A palavra grega (thelema) é primariamente uma palavra emocional e apenas secundariamente é volitiva. "A vontade de Deus" não é tanto "a intenção de Deus" quanto é "o desejo do coração de Deus". Deus tem uma intenção, um propósito, um plano. É chamado de prothesis em grego (veja [Ef 1.11](#)), e significa literalmente "uma disposição antecipada" (como um projeto). Este plano foi criado pelo conselho de Deus (chamado boule em grego, [Ef 1.11](#)). No entanto, por trás do plano e do conselho não estava apenas uma mente brilhante, mas um coração — um coração de amor e de bom prazer. Portanto, Paulo falou sobre "o bom prazer do coração de Deus" ([Ef 1.5](#)). Paulo também disse: "Ele nos fez conhecer o mistério do desejo do seu coração, segundo o seu bom prazer que ele propôs nele" (v. [9](#)). De fato, Deus operou todas as coisas segundo o conselho do desejo ou vontade do seu coração (v. [11](#)).

O impulso do propósito eterno de Deus veio do desejo do coração, e esse desejo era ter muitos filhos e filhas feitos à semelhança de seu único Filho (veja [Rm 8.26-28](#)). Em amor, ele predestinou muitas pessoas para participar disso — não por seus próprios méritos, mas por estarem no Filho ([Ef 1.4-5](#)). Observe com que frequência em [Efésios 1](#) Paulo fala da posição dos crentes "nele". Fora dele (o Filho), ninguém poderia ser filho ou filha de Deus e ninguém poderia agradar ao Pai. Os muitos filhos e filhas devem todos os seus privilégios divinos ao Amado, como aqueles agraciados nele e selecionados nele (v. [6](#)). Assim, predestinação e eleição são questões da vontade de Deus.

Veja também Eleito, eleição; Predestinação.

Voto, Votos

Promessas ou votos sérios feitos a Deus. A realização de votos a Deus é uma prática religiosa frequentemente mencionada nas Escrituras. A maioria das referências aos votos é encontrada no AT, especialmente nos Salmos, mas há algumas no NT.

Ao contrário do que é feito, sacrifícios e ofertas, guardar o Sábado e circuncisão, o ato de fazer votos não era algo ordenado pela lei mosaica. Por exemplo, [Salmo 50.14](#) diz: “Oferece a Deus sacrifício de ações de graças e cumpre os teus votos para com o Altíssimo” (ARA). O comando é “pagar”, isto é, manter ou realizar um compromisso que já foi feito. Em primeiro lugar, nenhuma ordem é dada para fazer tais promessas. A prática é aceita e regulada, mas não exigida.

O propósito de um voto é ganhar um favor desejado do Senhor, expressar gratidão a ele por algum livramento ou benefício, ou simplesmente provar devoção absoluta a ele por meio de certas abstinências. Dedicção de si e separação ao Senhor eram as principais características do voto nazireu. Sansão, Samuel e João Batista são os exemplos mais familiares daqueles que fizeram este tipo de voto. [Nm 6.1-8](#) prescreve as condições deste compromisso, e os versículos [13-21](#) explicam como a liberação do voto pode ser obtida. As mulheres, bem como os homens, podem fazer este voto de separação (v. [2](#)), que poderia ser de duração limitada. O clã recabita se comprometeu a uma vida ascética e nômade. Eles constituem uma ilustração convincente de lealdade ao Deus de Israel ([Jr 35](#)).

Frequentemente, no entanto, os votos eram feitos como um tipo de barganha com Deus. Em Betel, Jacó prometeu adoração a Deus e o dízimo se ele o protegesse e suprisse suas necessidades ([Gn 28.20-22](#)). Ana prometeu que se Deus lhe desse um filho, ela o devolveria a Deus ([1Sm 1.11. 27-28](#)). Nos Salmos, o pagamento de votos é muitas vezes associado com ação de graças pela libertação do perigo ou aflição (p. ex., [Sl 22.24-25](#); [56.12-13](#)).

O mais importante é que uma vez que um voto é feito, a obrigação é séria. Não é pecado abster-se de fazer um voto ([Dt 23.22](#)), mas uma vez declarado, o voto deve ser cumprido ([Dt 23.21-23](#); veja também [Nm 30.2](#); [Ec 5.4-6](#)).

O termo “voto” ocorre apenas duas vezes no NT, ambas às vezes em associação com o apóstolo Paulo ([At 18.18](#); [21.23-24](#)). Mas o mesmo princípio está envolvido no caso da palavra “Corbã” ([Mc](#)

[7.11-13](#); cf. [Mt 15.5-6](#)). Nessas duas passagens, Jesus repreendeu severamente aqueles que faziam um voto que servia como uma manobra astuta para escapar das obrigações de cuidar dos pais idosos. Um valor monetário estava envolvido em tal “presente” ou “oferta.” Mas Jesus declarou que Deus não queria um presente destinado a privar alguém.

No caso de Paulo, ele pode ter assumido seus votos com o propósito de evitar objeções que tanto os judeus antagonistas quanto os crentes judeus-cristãos tinham em relação à sua remoção do fardo das regulamentações mosaicas dos ombros dos crentes gentios. Paulo estava em Jerusalém sob a vigilância atenta das autoridades judaicas. Ele fez questão de se juntar a quatro outros crentes judeus no pagamento dos votos no templo. Esta ação, no entanto, foi mal interpretada por seus inimigos, que alegaram que ele estava trazendo os gentios para o templo santo.

Veja também Aliança; Juramento.

Vulgata, a

A versão latina da Bíblia. É comumente identificada como obra de Jerônimo. *Veja* Bíblia, Versões da (Antiga).